



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS EXATAS E TECNOLOGICAS - DCET
CURSO BACHARELADO EM AQUITETURA E URBANISMO

THAINÁ RODRIGUES DA SILVA

**PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UMA CASA DE APOIO ÀS MULHERES
RIBEIRINHAS E VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO NO AMAPÁ**

MACAPÁ – AP
2018



THAINÁ RODRIGUES DA SILVA

**PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UMA CASA DE APOIO ÀS MULHERES
RIBEIRINHAS E VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO NO AMAPÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Amapá, junto a banca examinadora como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Prof.^a Msc. Dinah Reiko Tutuya.

MACAPÁ – AP
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Bibliotecária Orinete Costa Souza CRB-11/920

720.8

S586p Silva, Thainá Rodrigues.

Proposta arquitetônica de uma casa de apoio às mulheres ribeirinhas e vítimas de escarpelamento no Amapá / Thainá Rodrigues da Silva ; orientadora, Dinah Reiko Tutya. -- Macapá, 2018.

117 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

THAINÁ RODRIGUES DA SILVA

Proposta arquitetônica de uma casa de apoio às mulheres ribeirinhas e vítimas de escarpelamento no Amapá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, aprovado com
nota____, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Dinah Reiko Tutyia

Banca Examinadora

Banca Examinadora

MACAPÁ – AP

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a esta força criadora que rege o universo por me permitir estar onde estou nesse momento, cercada de pessoas que amo.

Agradeço a mim que por diversas vezes fraquejei e encontrei forças que jamais imaginei encontrar após anos de descobrimento e de lutas diárias.

Agradeço aos meus pais, Maria e Edilson, por sempre acreditarem na educação como maior herança que alguém pode ter, por terem me dado todas as condições de conhecimento que lhes foi possível dar, sem eles eu nada seria.

Ao meu irmão Marcus Vinícius por ser exemplo de determinação e perseverança em caminhos árduos e desconhecidos.

A minha avó Maria Ermita, cujo os ensinamentos jamais serão encontrados em nenhum livro.

Ao meu namorado e fiel amigo Victor Gabriel que se fez presente em todas as crises de esgotamento, obrigada por sempre apertar minha mão e me lembrar da minha capacidade.

Ao meu melhor amigo Alain que por anos me deu lucidez para entender sobre as fases da vida, obrigada por me proporcionar tamanha paz quando eu acho que nada mais é possível.

A minha amiga e eterna dupla de projetos e de noites em claro, Juliana Rangel, pelos cinco anos dividindo conhecimento e dedicação, obrigada pelo companheirismo eterno, você foi crucial para minha chegada até aqui.

Ao meu amigo e irmão de coração Fernando Primo por estar comigo nos piores e melhores momentos da vida.

Aos meus amigos Maira Amaral, Ana Flávia, Tiago Vieira, Victor Barbosa e Caio Lucas por terem tornado a vida acadêmica mais leve e mais divertida nesses longos anos.

A minha professora e orientadora Dinah Tutya por aceitar me orientar neste trabalho e por me dar luz nos momentos escuros de desenvolvimento.

Aos professores Danielle Guimarães e José Marcelo por se disporem a analisar e avaliar este trabalho.

E a todos que de alguma forma pensaram positivamente em mim e na minha trajetória de conclusão de curso. Obrigada!

RESUMO

O acidente do escarpelamento é configurado predominantemente na região norte do país. Em busca de melhores condições de vida após o acidente, as vítimas enfrentam diversas dificuldades para obtenção de tratamento digno e adequado, agravadas pela falta de visibilidade das mesmas diante a sociedade. O presente trabalho tem como intuito oferecer esclarecimentos sobre os obstáculos enfrentados pelas vítimas de escarpelamento e sobre o papel das instituições de acolhimento na vida de pessoas vulneráveis. Através do resultado de pesquisa bibliográfica e de campo realizada na Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escarpelamento da Amazônia, norteadada pela metodologia da etnografia que possibilitou a inserção no espaço das vítimas e conseqüentemente o levantamento dos problemas configurados, foi possível obter os parâmetros necessários para a proposta arquitetônica de uma Casa de apoio destinada as vítimas de escarpelamento em Macapá, principal objetivo deste trabalho.

Palavras-Chave: AMRVEA; Associação; Escarpelamento; Instituições de Acolhimento.

ABSTRACT

The scalping accident is configured predominantly in the northern region of the country. In search of better living conditions after the accident, as victims they face various difficulties in obtaining decent and adequate treatment, aggravated by the lack of visibility of the works onwards in front of a society. This paper aims to provide clarification on the obstacles faced by victims of scalping and on the role of shelter institutions in the lives of vulnerable people. Through the results of bibliographical and field research carried out at the Association of Riparian Women and Victims of Amazonian Escalation, guided by the methodology of ethnography that enabled an insertion into the victims' space and consequently the identification of the problems, it was possible to obtain the necessary parameters to a propose of an architectural design of a support house aimed to the victims of scalping in Macapa, which is the main objective of this paper.

Keywords: AMRVEA; Association; Scalping; Reception Institutions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Palafita em madeira com cobertura de palha no interior do Pará	18
Figura 2- Gravura das primeiras igarités indígenas.....	19
Figura 3- Embarcação híbrida conhecida como “rabeta”.....	19
Figura 4 - Embarcação híbrida no Igarapé da Fortaleza em Santana	20
Figura 5- Motor de uma embarcação com o eixo destacado	20
Figura 6- Funcionário da Capitania dos Portos do Amapá fazendo a proteção do eixo do motor.....	21
Figura 7- Gráfico do número de vítimas com base nos últimos 6 anos	22
Figura 8 - Mapa de localização da AMRVEA	24
Figura 9- Casa de apoio Ronald Macdonald.....	27
Figura 10- Lar da Criança Feliz.....	28
Figura 11- Centro de acolhida especial para mulheres: Casa de Marta e Maria	29
Figura 12- Centro de Acolhida Especial Casa de Apoio Maria e Maria	30
Figura 13- Casa de Acolhida e Especial Eliane de Grammont.....	31
Figura 14- Vista frontal do Abrigo São José.	32
Figura 15– Praça localizada no Abrigo São José	32
Figura 16- Associação das Mulheres Amigas e Positivas	33
Figura 17- Residência Robert Schuster	35
Figura 18- Parte interna da residência Robert Schuster	35
Figura 19- Vila Serra do Navio	36
Figura 20- Vila Serra do Navio	36
Figura 21- Museu Sacaca	37
Figura 22- Museu Sacaca	37
Figura 23– Fachada da AMRVEA	40
Figura 24– AMRVE em perspectiva	41
Figura 25– Vista lateral esquerda da AMRVEA	41
Figura 26- Vista lateral direita da AMRVEA.....	42
Figura 27- Vista posterior da AMRVEA.....	42
Figura 28- Croqui da planta da AMRVEA.....	43
Figura 29- Forro danificado da sala de armazenamento de perucas.....	44
Figura 30– Local onde as perucas ficam armazenadas.....	45
Figura 31– Quarto utilizado para acomodação das associadas.....	45

Figura 32- Presença de fungos na parede e piso do quarto	46
Figura 33- Sala de armazenamento de arrecadações	46
Figura 34- Recepção onde foi realizada as entrevistas	46
Figura 35- Mapa de localização do lote.....	51
Figura 36- Mapa de uso e ocupação do solo	51
Figura 37- Mapa de equipamentos urbanos.....	52
Figura 38 - Mapa de áreas de lazer.....	53
Figura 39- Mapa viário com pontos de ônibus	53
Figura 40- Ponto de ônibus localizado na Rua do Araxá	54
Figura 41- Ponto de ônibus localizado na Rua Jovino Dinoá.....	54
Figura 42- Análise topográfica do terreno.....	55
Figura 43- Área do Terreno	55
Figura 44- Área murada em volta do terreno	55
Figura 45- Zoneamento bioclimático do Brasil	57
Figura 46- Mapa de radiação e ventilação.....	58
Figura 47- Ornanograma de setores.....	65
Figura 48- Fluxograma	66
Figura 49- Esquema do conceito do projeto.....	68
Figura 50- Esquema de setorização no lote	69
Figura 51- Primeiros Estudos dos Dormitórios	70
Figura 52- Estudos iniciais do bloco de Administração, Saúde, Institucional e Lazer.	71
Figura 53- Estudo inicial do setor serviço	71
Figura 54- Primeiros estudos do salão de debates e bazar	72
Figura 55- Implantação Humanizada	73
Figura 56- Esquema de ventilação predominante no lote.....	74
Figura 57- Estudo da ventilação predominante nas aberturas dos dormitórios.....	75
Figura 58- Esquema com a montagem e os materiais da cobertura	75
Figura 59- Perspectiva externa dos dormitórios	76
Figura 60- Perspectiva interna dos dormitórios.....	76
Figura 61- Perspectiva da parte frontal dos dormitórios	77
Figura 62- Estudo da ventilação predominante nas aberturas do bloco misto	78
Figura 63- Esquema da montagem e materiais da cobertura.....	78
Figura 64- Perspectiva externa do bloco misto	79
Figura 65- Perspectiva interna do jardim central do bloco misto.....	79

Figura 66- Perspectiva interna da biblioteca	80
Figura 67- Esquema da ventilação predominante nas aberturas da administração	80
Figura 68- Esquema de montagem e materiais da cobertura.....	81
Figura 69- Perspectiva externa do bloco administrativo	81
Figura 70- Esquema da ventilação predominante nas aberturas do bloco de serviços.....	82
Figura 71- Perspectiva externa do bloco de serviço e da horta	82
Figura 72- Esquema de ventilação da loja.....	83
Figura 73- Perspectiva da fachada da loja	83
Figura 74- Perspectiva interna da loja	84
Figura 75- perspectiva do café.....	84
Figura 76 - Perspectiva do jardim de encontros	85
Figura 77- Perspectiva jardim medicinal.....	85
Figura 78- Perspectiva espaço de reunião ao ar livre	86
Figura 79- Perspectiva do playground.....	86
Figura 80- Perspectiva da frente da Casa de apoio.....	87
Figura 81- Perspectiva mostrando a Casa de apoio e o rio.....	87
Figura 82- Perspectiva da entrada principal da Casa de apoio	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AMAPH – Associação das Mulheres Amigas e Posithivas

AMRVEA – Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento da Amazônia

CAT – Coeficiente de Aproveitamento do Terreno

CROPH – Comissão Regional de Obras de Promoção Humana

FNA – Faculdade Nacional de Arquitetura

HIV – Human Immunodeficiency Virus

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional de Seguro Social

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

MPF – Ministério Público Federal

MS – Ministério de Saúde

PIA – Plano Individual de Atendimento

PMM – Prefeitura Municipal de Macapá

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

SADS – Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social

SFA – Subzona de Fragilidade Ambiental

SIMS – Secretaria de Inclusão de Mobilidade Social

SPPMSP – Secretaria de Participação e Parceria do Município de São Paulo

SVS – Secretaria de Vigilância Sanitária

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUS - Sistema Único de Saúde

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Número de acidentes de escarpelamento por ano desde 1979 até 2016.....	22
Tabela 2- Síntese das facilidades e dificuldades enfrentadas pelas vítimas de escarpelamento obtidas na pesquisa bibliográfica e de campo.....	48
Tabela 3- Parâmetros urbanísticos de ocupação do terreno - Setor de Lazer 2.....	59
Tabela 4- Programa de necessidades e pré-dimensionamento	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. REFERENCIAL TEÓRICO	17
1.1 O modo de vida ribeirinho e a sua relação com o rio.....	17
1.2 Acidente e o tratamento as vítimas do escalpelamento	21
1.4 Instituições de acolhimento e o auxílio as vítimas e familiares.....	24
1.4.1 Instituições de acolhimento no Brasil.....	26
3.1 Referências projetuais para a concepção do projeto.....	33
2. CAPÍTULO 2: ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES RIBEIRINHAS VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO DA AMAZONIA E O MÉTODO ETNOGRÁFICO COMO FERRAMENTA DE PESQUISA	38
2.1 Método etnográfico.....	38
2.2 A aplicação do método etnográfico na AMRVEA	39
2.2.1 Diagnóstico do ambiente construído da AMRVEA	48
3 PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UMA CASA DE APOIO PARA MULHERES RIBEIRINHAS E VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO NO MUNICÍPIO DE MACAPÁ – AP	50
3.1 Condicionantes de projeto	50
3.1.1 Escolha da localização	50
3.1.3.2 Código de Obras e Edificações do Município de Macapá	60
3.1.3.3 NBR 9050 de 2015 – Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos	61
3.2 Caracterização dos Usuários	62
3.3 Programa de Necessidade e pré-dimensionamento	62
3.4 Organograma e fluxograma	65
3.7 Conceito e Partido Arquitetônico.....	67
3.7.1 Estudos iniciais e primeiros croquis	68
3.7.2 Memorial justificativo e memorial descritivo	72
3.7.2.1 Da Implantação (ver apêndice C)	72
3.7.2.2 Dos dormitórios (ver apêndice I).....	74
3.7.2.3 Do Bloco Misto (Ver apêndice N).....	77
3.7.2.4 Do Bloco de Administrativo (Ver apêndice D).....	80
3.7.2.5 Do Bloco de Serviços (ver apêndice Q)	82
3.7.2.6 Loja e Café (Ver apêndice T)	83
3.7.2.7 Espaços de estar ao ar livre.....	84

3.7.2.8 Especificação dos materiais e do sistema construtivo	88
3.7.2.8.1 Esquadrias.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

INTRODUÇÃO

O acidente do escarpelamento é a retirada total ou parcial do escapo, ocorre devido à falta de proteção de uma peça de embarcações motorizadas, comuns nas regiões ribeirinhas. As vítimas na maioria são mulheres, crianças e adolescentes. As consequências do incidente variam de danos físicos a danos psicológicos e sociais (CUNHA, 2012), sendo esses danos permanentes, havendo necessidade de cuidados contínuos.

No Amapá, a Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escarpelamento da Amazônia foi criada com o intuito de oferecer assistência às vítimas da região, uma forma de facilitar a busca por tratamento. No entanto essa assistência se expandiu para outras formas de acolhimento, oferecendo também abrigo e alimentação, uma vez que, no decorrer da etnografia foi constatado que a maioria das mulheres não possuía emprego ou renda própria, dependendo de bolsas ou dos maridos. Atualmente edificação onde funciona o cadastro de vítimas e a assistência, encontra-se em mau estado, impedindo que o funcionamento seja em tempo integral, prejudicando o serviço das associadas e o amparo as que precisam.

As instituições de acolhimento funcionam com o objetivo de oferecer melhores condições de vida e reintegração social a pessoas em estado de vulnerabilidade, uma forma de devolver auto estima e bem estar aos indivíduos que necessitam de amparo e estímulo ao convívio social. As casas de apoio são um tipo de instituição de acolhimento, que visam não apenas oferecer assistência, mas de forma que o indivíduo acolhido se sinta em casa.

Diante a esses problemas, a pesquisa possui como objetivo geral a elaboração de um projeto arquitetônico a nível de projeto básico de uma Casa de Apoio adequada para as Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escarpelamento em Macapá, já que este local existe inadequadamente. Como objetivos específicos pretende-se levantar dados quantitativos sobre as instituições de acolhimento, dados qualitativos sobre a associação que ampara as vítimas de escarpelamento e identificar as demandas das usuárias do projeto.

O presente trabalho está dividido em 3 principais capítulos que dialogam entre si. O primeiro é sobre o Referencial Teórico utilizado na pesquisa como fundamentação dos conceitos empregados e levantamento de como ocorre o acidente, apresentando a relação do ribeirinho com o rio, as causas do acidente, o que é o acidente, como funciona o tratamento, como funciona o tratamento em Macapá, as instituições de acolhimento e suas funções.

No Capítulo 2 consta a metodologia utilizada na pesquisa, abordando o Método Etnográfico, principal norteador da concepção e fonte de informação sobre as vítimas e suas necessidades. O terceiro Capítulo fala sobre a proposta arquitetônica, legislação, clientela, terreno e entorno, programa de necessidades, referencial de projeto e os estudos iniciais da proposta da Casa de Apoio destinada as Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento em Macapá.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O modo de vida ribeirinho e a sua relação com o rio.

Quando se fala em cidade ribeirinha, logo se destaca a relação da cidade com o rio, sendo este não somente elemento formador de paisagem, mas também possuindo uma função social. É importante se valorizar essa relação para que se possa entender os problemas de quem vive as margens do rio e as dinâmicas advindas dessa conexão que determina o modo de viver ribeirinho.

A região geoeconômica da amazônica é caracterizada principalmente pelas suas riquezas naturais, também conhecida como Amazônia Legal, é composta por todos os estados da região norte mais parte de Mato Grosso e Maranhão, essa área possui a maior bacia hidrográfica do mundo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta cerca de 12,32% dos habitantes do Brasil, dessa população cerca de 500.000 habitantes são considerados população ribeirinha.

De acordo com Silva e Souza (2002, p.27) ribeirinho é aquele “[...] que possui um modo de vida peculiar que as distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pelo rio”. Essa relação da população ribeirinha com o rio é fator determinante para sua cultura e modo de vida (sua forma de subsistência, moradia e de transporte). Para Fontenele (2002) é o que pode-se chamar de “habitar” de pessoas que cresceram às margens dos rios, também sendo chamadas de beiradeiros ou caboclo.

Portanto pode-se dizer que são as relações que acontecem no espaço, que o caracterizam. Não há como separar as coisas das criaturas humanas, pois as coisas passam a ter significado a partir da importância, do uso, do valor que lhes é dado por alguém. As relações que se estabelecem entre os seres humanos, entre os seres humanos e as coisas, vinculando, ainda, o tempo ao espaço, formam uma rede que preenche e faz a existência do espaço (MOTTA, 2003, p.44)

Para Fraxe (2004) não se deve definir os ribeirinhos, caboclos como determinada classe e sim como pessoas inseridas em uma dinâmica social, essas possuindo características específicas. O modo de vida dessa população está escrupulosamente conectado a natureza, não apenas por seu modo de subsistência através da pesca, da caça e do plantio, mas também pela sua forma de se locomover e de morar.

As habitações da população ribeirinha são em sua grande maioria as denominadas palafitas, que são casas de madeiras suspensas por fundação de caibros e esteios (peças de

madeira que são usadas para sustento) construídas em áreas alagadas de forma que em período de cheia as casas não sejam inundadas, “Estas construções podem estar à margem dos rios, em terrenos pantanosos ou mesmo sobre pilares ou estacas” (GUERRA, 1954).

As palafitas normalmente utilizam materiais encontrados na região onde são construídas, devido a abundância, por conta disso podem ser consideradas arquitetura vernacular¹. Por serem construídas em pontos mais altos, geralmente empregam sistemas de pilotis, o piso e parede são em madeira e a cobertura de palha. O que determina os materiais e a sua forma de construção também, é a sua proximidade com o corpo d’água, quanto mais próximas, mais tradicionais, enquanto que, as mais aproximadas de áreas urbanizadas, mais se parecem com as edificações da cidade, (BARROS, PEREIRA e SILVA, 2011). A sedimentação dessa população às margens dos rios é facilitada pela locomoção através de barcos e canoas.

Figura 1-Palafita em madeira com cobertura de palha no interior do Pará



Fonte: Maria Rodrigues, 2017.

Assim como as ruas e avenidas ligam uma cidade, os rios também ligam as populações que vivem em sua margem, através dele faz-se o transporte de pessoas e mercadorias. O meio de locomoção por essas vias é feito pela as embarcações, as quais são geralmente construídas pelos próprios ribeirinhos, na grande maioria das vezes através de conhecimento empírico repassado por gerações.

A embarcação, utilizada como transporte dessa comunidade, tem por definição uma estrutura com capacidade de flutuar e transportar pessoas e cargas. Na região amazônica as

¹ Derivado do latim, vernaculo denomina o escravo que nascia na casa do patrão, ou seja, pertencente aquele lugar. Portanto, arquitetura vernacular, representa a arquitetura construída com técnicas e materiais originários de uma região específica, um conhecimento geralmente passado de geração a geração. Brasília Concreta. O que é arquitetura vernacular? Disponível em: < <http://brasiliaconcreta.com.br/o-que-e-arquitetura-vernacula/>>. Acesso em 14 de junho de 2017.

embarcações tiveram origem através dos povos nativos, os indígenas, estes utilizavam troncos de árvores na construção das primeiras embarcações, as ubás² e igarités³, desenvolvendo a cultura da pesca e o meio de transporte fluvial, (GUALBERTO, 2009).

Canoas, igarités, montarias e barcas foram, durante muito tempo, o principal meio de locomoção tanto para os homens amazônicos, como para aqueles que, com objetivos de desbravar e conquistar, percorreram a região em várias direções. (XIMENES, 1992, p.3)

Após a colonização portuguesa missionária no século XVII, houve a introdução de novos mecanismos europeus na produção das embarcações, inserindo o uso de tábuas na confecção, e assim, originando as canoas e embarcações híbridas que se conhece atualmente. As denominadas embarcações híbridas são aquelas que necessitam de fonte de energia para seu funcionamento, como motores e geradores.

Figura 2- Gravura das primeiras igarités indígenas



Autor: João Severiano, 1860.

Figura 3- Embarcação híbrida conhecida como “rabeta”.



Fonte: Wellington Hugles, 2016.

² Segundo Gualberto (2009), é a embarcação feita com apenas um lenho.

³ Segundo Gualberto (2009), é Embarcação de carga com capacidade para até duas pessoas.

Figura 4 - Embarcação híbrida no Igarapé da Fortaleza em Santana



Fonte: Thainá Rodrigues, 2017

Atualmente as populações ribeirinhas produzem as embarcações híbridas, porém, muitas vezes não contam com equipamentos de segurança adequados, na maioria dos casos os motores são reutilizados, comprados já usados e sem esses equipamentos, deixando a população à mercê de diversos acidentes. A Lei Federal 11.970 de 2009, torna a proteção do eixo do motor de barcos obrigatória. Tal ação tem o objetivo de prevenir danos causados pela desproteção do motor, a ausência desta estrutura nas embarcações é responsável por desastres como queimaduras (causadas pela desproteção da descarga do motor) e a retirada do escalpo (couro cabeludo) de forma abrupta devido a falta de proteção do eixo (que pode enroscar no cabelo das vítimas). Iremos nos deter neste último tipo de acidente, uma vez que o tema projetual surge em consequência de tal fatalidade – abrigo para vítimas de escalpelamento.

Figura 5- Motor de uma embarcação com o eixo destacado



Fonte: Defensoria Pública Geral da União, modificado pela autora, 2017.

Figura 6- Funcionário da Capitania dos Portos do Amapá fazendo a proteção do eixo do motor.



Fonte: Cassio Albuquerque, 2014.

1.2 Acidente e o tratamento as vítimas do escarpelamento

O escarpelamento é a consequência de um acidente que leva a retirada do couro cabeludo também conhecido como “escalpo”, causado principalmente por embarcações híbridas cujo motor não possui qualquer tipo de proteção, como visto anteriormente. A maioria das vítimas são mulheres que possuem cabelos longos, com a força do eixo do motor o cabelo é enrolado e puxado violentamente, atingindo também rosto, pescoço, orelha e os olhos, “[...] o acidente impõe danos à autoestima, à identidade, à percepção corporal, ao humor, à sociabilidade e às relações afetivas acrescentando também as implicações na dinâmica e na economia familiar” (CUNHA, 2012, p.4).

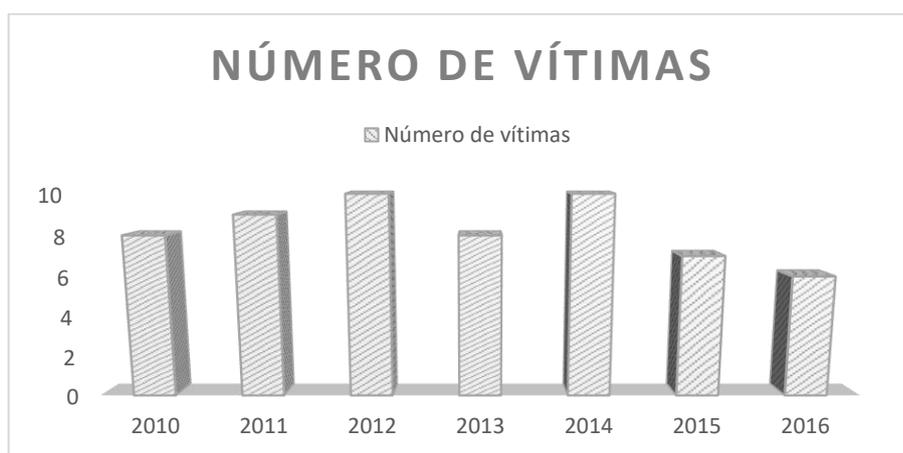
Até a presente data foram registrados no Brasil 3 mil casos de vítimas de escarpelamento, só no estado do Amapá foram mais de 150 casos. Segundo o censo de 2010 grande parte das pessoas acidentadas estão na faixa etária de 5 a 12 anos, seguida de 17 a 30 anos. Na maioria dos casos a vítima encontra-se retirando água da embarcação quando o acidente acontece. Devido ao grande número de embarcações não catalogadas pela Marinha do Brasil, muitas circulam em “invisibilidade”. Mesmo com a Lei 11.970 e a crescente campanha de proteção do eixo do motor - Projeto de Erradicação do Escarpelamento por Embarcação, barcos ainda circulam em total desproteção. De acordo com dados da Capitania dos Portos da Amazônia Oriental (Marinha), apesar do número de acidentes ter diminuído, ainda não foi erradicado, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1- Número de acidentes de escarpelamento por ano desde 1979 até 2016

ANO	N DE VITIMAS	ANO	N DE VITIMAS
1979	3	2001	19
1981	1	2002	38
1982	2	2003	36
1983	1	2004	17
1984	2	2005	5
1989	3	2006	11
1991	2	2007	8
1992	2	2008	8
1993	2	2009	20
1994	2	2010	8
1995	2	2011	9
1996	3	2012	10
1997	3	2013	8
1998	5	2014	10
1999	6	2015	7
2000	23	2016	6

Fonte: Marinha do Brasil, 2016.

Figura 7- Gráfico do número de vítimas com base nos últimos 6 anos



Fonte: Autora, 2017.

Por ser um acidente prevaiente da região norte, é configurado como um problema de grande repercussão para a saúde pública amazônica, necessitando de medidas públicas para a prevenção do acidente (como a Lei 11.970/2009) e adoção de melhor tratamento e amparo as vítimas e familiares, uma vez que, o dano causado é duradouro, exigindo diversas cirurgias reparadoras e acompanhamento psicológico.

Este também causa uma limitação funcional do acidentado, uma vez que a região amazônica possui elevada temperatura com uma grande incidência de raios solares, e o cabelo é o protetor natural da cabeça, importante para o exercício das atividades externas laborais rotineiras (OLIVEIRA, 2016, p.485).

O projeto de erradicação de escalpelamento por embarcação conta com duas vertentes, uma preventiva que busca evitar os danos através da segurança das embarcações, e a outra vertente reparadora que busca maior amparo e atendimento das vítimas. Algumas conquistas foram feitas, como a inclusão do acidente na Tabela Unificada de Procedimentos do Sistema Único de Saúde (SUS) e da prótese expansora no ano 2009, no entanto durante pesquisa e entrevistas feitas às vítimas e associadas da Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento na Amazônia (AMRVEA) foram levantados diversos problemas e dificuldades enfrentadas durante o processo de recuperação e anos após, como um tratamento adequado e espaço para que o mesmo aconteça, detalhados no item 2 deste trabalho.

1.3 A Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento na Amazônia (AMRVEA)

Como citado anteriormente, o acidente do escalpelamento é configurado predominantemente na região norte do país, onde o transporte fluvial é bastante utilizado. No estado do Amapá, a AMRVEA funciona como centro administrativo e de amparo as vítimas e familiares que visam atendimento para os danos causados após o acidente.

A AMRVEA foi criada no ano de 2007 no Amapá por vítimas de escalpelamento que buscavam tratamento reparatório. Fica localizada na Avenida Beira Rio, Número 452, no Bairro Perpétuo Socorro. Ao longo dos 10 anos de associação, já foram assistidas mais de 100 vítimas de escalpelamento, sendo 99,8% mulheres e feito o reconhecimento de mais de 240. A associação oferece principalmente amparo às famílias das vítimas no período de tratamento, auxiliando com alimentação e abrigo.

Figura 8 - Mapa de localização da AMRVEA



Fonte: Autora, 2017

Apesar de a instituição possuir um espaço utilizado como dormitório, fornecido as vítimas que precisam de um lugar para ficar, não pode ser configurado como uma instituição de acolhimento, por não seguir as diretrizes que o Ministério de Saúde impõe, descritas no tópico 1.4 deste trabalho.

A AMRVEA foi utilizada como objeto de estudo para a realização do presente trabalho, os dados foram obtidos por meio de pesquisa de campo e da aplicação do método etnográfico⁴ que será detalhado no capítulo 2.

1.4 Instituições de acolhimento e o auxílio as vítimas e familiares

Após pesquisa bibliográfica e de campo⁵ sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres vítimas do escarpelamento que foram atendidas em Macapá, um dos maiores problemas indicados foi a falta de abrigo adequado para quem não tinha condições de pagar hospedagem durante o período de tratamento do acidente escarpelamento, pois grande parte das vítimas são oriundas de interiores do estado e do Pará. Desta forma para melhor entendimento do tema

⁴ Método antropológico onde o pesquisador vai a campo para entender hábitos, ideias e cultura das pessoas fundamentado em experiências empíricas e em observações. A explicação e aplicação deste método será detalhada no Capítulo 2.

⁵ Pesquisa iniciada no dia 09/05/2017 na AMRVE por Thainá Rodrigues.

projetual, que se enquadra nas instituições de acolhimento de médio e longo prazo, houve a necessidade de investigar como tais instituições funcionam afim de analisar o espaço a ser projetado para a associação.

As instituições de acolhimento, segundo o Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), são locais que oferecem abrigo temporário a pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade, vítimas de violência ou com direitos violados ou ameaçados. De acordo com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) “direitos são violados ou ameaçados nos casos de abandono, maus tratos, negligência, quebra ou suspensão momentânea do vínculo familiar e comunitário”⁶. Essas instituições possuem o objetivo de oferecer e assegurar a autonomia dos necessitados, respeitando costumes e tradições e garantia da privacidade, também providenciando integração social e convívio familiar.

Segundo a Secretaria de Vigilância Sanitária (SVS) do Ministério de Saúde (MS) a classificação dessas instituições são feitas de acordo com variantes como os serviços prestados ao local, quantidade de leitos que serão utilizados e o tempo de estadia. Os principais objetivos das instituições de acolhimento são o de oferecimento de assistência e reintegração social.

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) fala sobre os serviços socioassistenciais oferecidos através da proteção social ofertada nas instituições de acolhimento, e as necessidades naturais (proteção social e segurança) e sociais.

- Segurança de acolhida: alimentação, vestuário e abrigo
- Segurança de convivência: convívio social e familiar
- Segurança de rendimento: sobrevivência

A cartilha do Ministério da Saúde de 2013 destaca a relevância da inserção do acolhido e da família no ambiente proposto. Atividades e oficinas, tratamento psicológico, escolar são algumas das formas de propor a reintegração que essas instituições de acolhimento visam.

Quanto a classificação, esta é feita com base no número de leitos e tempo de permanência. Entre 10 e 20 quartos pode ser considerada de pequeno a médio porte, quando for superior a 20 quartos é considerada de grande porte. Quanto ao tempo de permanência, a cartilha do MS determina que acima de 30 dias é de longa permanência, abaixo disso é curta. Existem duas tipologias de instituições de acolhimento decretadas pelo MS, sendo essas:

⁶ Informação retirada do Fundação de Ação Social da cidade de Curitiba. Disponível em <<http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/conteudo.aspx?idf=79>>. Acesso em 07/07/2017.

- Tipo 1: Local de suporte temporário de curta ou longa permanência, dispendo dos serviços de alimentação, acomodação e transporte para realização do tratamento. Os pacientes incluídos nesse primeiro tipo não estão em estado grave da doença e apresentam condições de participar das oficinas e atividades desenvolvidas para os mesmos. Propiciando com isso a reintegração social e buscando manter a nova rotina o mais próximo do que o assistido possuía.
- Tipo 2: Apresenta as mesmas condições de amparo do primeiro tipo, porem nesse caso o paciente encontra-se mais debilitado, necessitando de uma atenção maior e auxílio de profissionais especializados.

Para o desenvolvimento do projeto, houve a necessidade de estudar as instituições de acolhimento existentes no Brasil e na cidade de Macapá, para auxiliarem na proposta de uma casa de apoio às vítimas de escarpelamento na cidade. A proposta projetual irá agregar formas de reintegração social das vítimas através de atividades e atendimento profissional. Esse tipo de instituição pode ser considerado um local de alta complexidade por estar dentro do Tipo 1, descrita na cartilha do Ministério de Saúde de 2013.

1.4.1 Instituições de acolhimento no Brasil

As instituições de acolhimento possuem caráter protetório principalmente a pessoas em estado de vulnerabilidade. As mulheres, assim como idosos e crianças fazem parte de um grupo que necessita de “segurança humana” por ainda não gozarem plenamente dos seus direitos (WOLFGANG, 2012). Pacientes vítimas de doenças como neoplasias e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, possuem direitos a melhores condições de tratamento e abrigo durante esse período, protegidos por meio de portarias⁷. Sendo assim as instituições de acolhimento atendem esses grupos como forma de assegurar os seus direitos mediante as situações de indefesabilidade. A seguir alguns exemplos de instituições que realizam essa prática no âmbito nacional.

- Casa Ronald McDonald

O projeto Casa de apoio Ronald McDonald teve início em 1974 na Filadélfia, Estados Unidos. A iniciativa partiu de um jogador que possuía uma filha em tratamento de câncer, que

⁷ A portaria do Ministério de Saúde número 874 de maio de 2013 expôs a Política Nacional para Prevenção e Controle do câncer na Rede de Atenção a Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas no Âmbito do Sistema Único de Saúde. No estado de São Paulo, a portaria conjunta 2CVS/CRT-DST/AIDS de 28 de agosto de 20012, prevê sobre as casas de apoio as vítimas da síndrome.

juntamente com uma médica decidiram arrecadar fundos através de campanhas para a construção de uma casa de apoio destinada a crianças e adolescentes em tratamento de câncer. O restaurante Mcdonalds foi um dos maiores apoiadores do projeto, fazendo parceria com o Hospital das Crianças da Filadélfia, assim surgiu a primeira casa de apoio Ronald Mcdonald.

Atualmente existem mais de 300 casas de apoio Ronald Macdonald situadas em 51 países. No Brasil a casa fica localizada no Rio de Janeiro, construída em 1994, foi a primeira casa de apoio Ronald Macdonald na América Latina. A instituição se sustenta através de doações, o restaurante Macdonald é responsável por 30% do custeio anual, doado uma vez ao ano. A casa tem o intuito de oferecer melhor qualidade de vida a crianças e adolescentes em tratamento de neoplasias, e oferece serviços como transporte aos centros de tratamento, alimentação, atividades recreativas e terapêuticas, cursos profissionalizantes para acompanhantes e terapia holística⁸.

Figura 9- Casa de apoio Ronald Macdonald



Fonte: Flávia Maoli

- Lar da Criança Feliz

Localizado em Campinas, São Paulo, o Lar da Criança Feliz oferece acolhimento institucional provisório a crianças e adolescentes afastados do convívio familiar, em situações de abandono e cujo os familiares estejam impedidos de cumprir suas funções de proteção. A instituição possui capacidade máxima para o abrigo de 60 crianças e adolescentes, e utilizam as áreas: educacional, saúde, social, lazer e jurídico como formas de fortalecer e integrar os

⁸ Informações retiradas do site da Casa Ronald Mcdonald. Disponível em < <http://www.casaronald.org.br/casa/historico-da-casa>> . Acesso em 16/07/2017.

usuários no meio no social, garantindo proteção e segurança. O Lar da Criança Feliz conta com parcerias e doações para mantimento e custeio do local⁹.

Figura 10- Lar da Criança Feliz



Fonte: Antônio Oliveira.

1.4.1.1 Instituições de acolhimento no Brasil destinada a mulheres

A proteção social assegura que as mulheres não sejam acometidas por qualquer tipo de violência que possa afetar a sua segurança, através da segurança humana, o direito ao acesso igual a emprego, educação e serviços sociais visam ser protegidos. As instituições de acolhimento as mulheres são destinadas a vítimas de violência (física, familiar, doméstica, moral, psicológica, etc.), possuem caráter filantrópico e oferecem principalmente acompanhamento psicológico e amparo jurídico.

O estado de São Paulo possui projetos de prevenção a violência, como Rede de Defesa de Direito das Meninas e das Mulheres do Estado de São Paulo que cataloga as atividades de mesmo fim, o estado também conta com casas de acolhimento, como as citadas a seguir.

- Casa de Marta e Maria

Localizada em Belenzinho, São Paulo, a Casa de Marta e Maria foi fundada em 2003, oferece abrigo a 82 mulheres sendo essas mães ou não, em estado de vulnerabilidade e com histórico de violência e maus tratos. A instituição possui convênio com a prefeitura de São Paulo através da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SADS). O atendimento

⁹ Informações retiradas do site do Lar da Criança Feliz. Disponível em < <http://www.larcriancafeliz.org.br/>>. Acesso em 16/07/2017.

prestado é feito de acordo com o Plano Individual de Atendimento (PIA) e possuem o intuito de fortalecer o vínculo familiar, restauro da autoestima e autonomia, reinserção no meio social e atividades que incentivem a cidadania.

A casa de acolhimento presta serviço de encaminhamento, estímulo a cursos profissionalizantes e empregos e a atendimentos específicos, através do acesso a justiça. As oficinas ofertadas são: teatro, arteterapia, massoterapia, de gênero, lúdica e de culinária, também são feitas palestras de prevenção a doenças e planejamento familiar¹⁰.

Figura 11- Centro de acolhida especial para mulheres: Casa de Marta e Maria



Fonte: Google Maps, 2017.

- Casa de apoio Maria e Maria

A Casa de apoio Maria e Maria foi fundada pela Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana (CROPH) em 2006 em Canindé, São Paulo. Possui convenio com a prefeitura de São Paulo através do SADS, oferece acolhimento de 24 horas e tem capacidade para o alojamento máximo de 134 pessoas. Assim como a Casa de Marta e Maria, a instituição abriga mulheres com pouca ou quase nenhuma condição. Entre as oficinas ofertadas, há destaque para a de informática, importante no auxílio de estudo e preparação de currículos. A casa de apoio visa assegurar os direitos das mulheres em estado de fragilidade, propiciando atividades que reafirmem a autonomia e a auto estima, assim como a independência. Possui

¹⁰ Informações retiradas do site RECICLÁZARO. Disponível em < <http://www.reciclazaro.org.br/casas/casa-de-marta-e-maria/>>. Acesso em 14/07/2017.

amparo de psicólogas e assistentes sociais, de acordo com as mulheres esse amparo ajuda bastante no dia a dia e nas decisões futuras¹¹.

Figura 12- Centro de Acolhida Especial Casa de Apoio Maria e Maria



Fonte: Google Maps, 2017.

- Casa Eliane de Grammont

A Casa Eliane de Grammont é uma instituição governamental com vínculo da Secretaria de Participação e Parceria do Município de São Paulo (SPPMSP). Criada em 1990, a instituição foi o primeiro serviço municipal do país a oferecer assistência as mulheres vítimas de violência no país. Diferente das casas citadas anteriormente, a Casa de Eliane não possui acolhimento 24 horas, oferece atendimento de segunda a sexta das 8h às 17h, possui capacidade de atendimento de até 100 mulheres por mês e atualmente conta com uma psicóloga e uma assistente social. O primeiro tipo de atendimento é uma triagem para definir o tipo de suporte que poderá ser oferecido, caso o acontecimento seja mais grave é encaminhado a lugar específico que possa ser atendido. O tempo de acolhida e do atendimento é determinado pela complexidade do caso. O objetivo da instituição é oferecer ajuda as mulheres debilitadas com intuito de superação e melhor administração do cotidiano¹².

¹¹ Informações retiradas da página do *Facebook* da Casa de Acolhimento. Disponível em <<https://www.facebook.com/caemariamaria/>>. Acesso em 14/07/2017.

¹² Informações retiradas da Rede de Defesa dos Direitos das Mulheres do Estado de São Paulo. Disponível em <<http://www.redededefesadedireitos.com.br/assistencia-juridica/casa-eliane-de-grammont/>>. Acesso em 15/07/2017.

Figura 13- Casa de Acolhida e Especial Eliane de Grammont



Fonte: Maria Áurea, 2014.

1.4.1.2 Instituições de acolhimento em Macapá

Bem como nas demais regiões, a cidade de Macapá também conta com serviços de acolhimento para pessoas em estado de vulnerabilidade. Durante pesquisa encontrou-se duas instituições de acolhimento: O abrigo São José e a Casa de apoio da Associação das Mulheres Amigas e Posíthivas (AMAPH), as instituições oferecem serviços para idosos e mulheres vítimas de *Human Immunodeficiency Virus*¹³ (HIV), respectivamente.

- Abrigo São José

É uma instituição de acolhimento de longa permanência destinada a idosos da cidade de Macapá, fica localizado no bairro Santa Rita, Avenida Padre Júlio. Criado como instituição filantrópica, no ano de 2005 passa a ser governamental, mantido pela Secretaria de Inclusão e Mobilização Social (SIMS), Governo do Estado. Fundado no ano de 1968, o abrigo possui 61 idosos, sendo estes 10 do sexo feminino e 51 do sexo masculino (PORCY, 2016). A instituição conta com dormitórios, espaço administrativo e áreas de recreação, seguindo a cartilha do Ministério de Saúde, podendo ser classificado como de alta complexidade.

Durante entrevista¹⁴ realizada em pesquisa de campo, um funcionário relatou sobre a superlotação do local, segundo o mesmo, o espaço não comporta apropriadamente os usuários, levando em consideração a demanda e o tempo de construção. Apesar de receberem poucas

¹³ Vírus da Imunodeficiência Humana

¹⁴ Entrevista realizada com funcionário com identidade ocultada fornecida a Thainá Rodrigues no dia 08/07/2017

visitas, durante datas comemorativas várias instituições procuram o Abrigo São José para eventos e doações.

Figura 14- Vista frontal do Abrigo São José.



Fonte: Florence Porcy, 2016.

Figura 15– Praça localizada no Abrigo São José



Fonte: Florence Porcy, 2016.

- Associação das Mulheres Amigas e Positivas (AMAPH)

Localizado na Avenida Cid Borges, Bairro Infraero 2, Zona norte de Macapá, a AMAPH é uma instituição de acolhimento que ampara e auxilia as vítimas de HIV da cidade de Macapá e interiores. A associação foi fundada em 2003 pela atual diretora Márcia Pinheiro, também vítima de HIV. A AMAPH não possui local fixo, atualmente pagam aluguel onde estão instaladas, a Assembleia Legislativa do Amapá é responsável pelo auxílio financeiro para

manter a associação, no entanto, o repasse não está sendo efetivado e a associação sofre risco de parar¹⁵.

Figura 16- Associação das Mulheres Amigas e Positivas



Fonte: Jéssica Alves

As instituições de acolhimento, mesmo que direcionadas a usuários diferentes, possuem caráter protetor e de inserção social. O estudo das instituições citadas somado as informações obtidas através do método etnográfico tratadas no Capítulo 2, auxiliou nas etapas de concepção projetual da Casa de Apoio, destinada as mulheres vítimas de escarpelamento, tema projetual do presente trabalho.

3.1 Referências projetuais para a concepção do projeto

Com base no caráter das pesquisa bibliográfica e na caracterização das usuárias: as mulheres ribeirinhas e vítimas de escarpelamento da Amazônia, o projeto possui uma forte identidade regional. Para atender o caráter do mesmo, fez-se necessário pesquisa de referências projetuais para o entendimento e formulação do projeto. O conceito de regionalismo crítico como também do modernismo foram utilizados no desenvolvimento do partido arquitetônico.

O regionalismo crítico surgiu na década de 80, respeitando aspectos culturais, compreendendo o contexto social econômico, através da valorização dos aspectos da natureza e regionais (FAVILLA, 2003). Uma das intenções do regionalismo crítico é espessar o potencial artístico da região através da compreensão do espaço, “Igualmente importantes na abordagem do regionalismo crítico são o aproveitamento das habilidades artesanais e materiais locais, além de uma receptividade a luz e ao clima da região” (FRAMPTON, 1983, p. 503).

¹⁵ Devido a dificuldade em se obter contato com a associação até o presente momento, poucas informações puderam ser levantadas.

Há na cultura regionalista um forte sentimento de independência de identidade cultural, essa identidade somada com a estética da região é adquirida pela arquitetura regionalista. Para Frampton (1983), como consequência da universalização há uma sutil deterioração das culturas tradicionais e dos núcleos criadores (ou de criação). No entanto esse regionalismo não deve ser considerado imutável, vai depender da capacidade da cultura da região em recriar as tradições de raízes locais e paralelamente conseguir fazer uma apropriação de influências de fora.

Essa vertente também busca entender de forma crítica as populações que estão inseridas nas regiões estudadas. Há uma valorização das necessidades dos usuários somadas aos estudos dos aspectos locais, pertinentes na concepção projetual. O regionalismo também manifestou-se na arquitetura moderna, assim, havia uso de materiais locais mas também associados a novas tecnologias.

Devido ao caráter regional da proposta arquitetônica, baseado nos estudos dos condicionantes locais descritos no item 3.1.2.3, a análise de conforto ambiental, fez-se necessário o estudo de modelos arquitetônicos pensados em acordo com o regionalismo da região norte. Como referências arquitetônicas foram utilizadas obras de Severiano Porto, Osvaldo Bratke e o Museu Sacaca, localizados no Amazonas e no Amapá, respectivamente.

- Severiano Porto, Residência Schuster.

Severiano Porto nasceu em Uberlândia, Minas Gerais porém mudou-se ainda na infância para o Rio de Janeiro, onde anos mais tarde se formaria na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA). Teve destaque após mudar-se para Manaus, onde ficou conhecido como “arquiteto da floresta”, devido a influência da sua arquitetura regional da Amazônia, onde passou a estudar mais a fundo a população local e os aspectos da região, podendo assim oferecer soluções e estratégias de conforto e baixo custo de obra (FAVILLA, 2003).

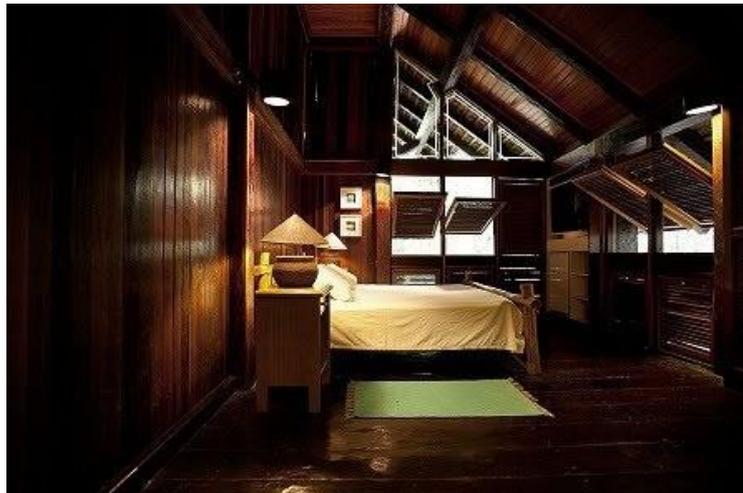
Como referência projetual utilizada no presente trabalho foi utilizada a obra de Severiano Porto conhecida como Residência Schuster, construída em 1978. A casa Robert Schuster fica localizada em Tarumã, Amazonas, é caracterizada por utilizar predominantemente a madeira em sua estrutura. Além da estrutura, a madeira foi utilizada nas esquadrias, piso, parede, varandas, forro, entre outros. A madeira é um importante material utilizado como estratégia de conforto ambiental e característico da região amazônica. Severiano utilizou do estudo sobre a região e os hábitos dos usuários para elaborar o projeto, é possível deitar-se em rede em qualquer cômodo da casa, o clima pode ser amenizado devido as árvores que cercam a residência (FRACALOSSO, 2013).

Figura 17- Residência Robert Schuster



Fonte: Fracalossi, 2013.

Figura 18- Parte interna da residência Robert Schuster



Fonte: Fracalossi, 2013.

- Oswaldo Bratke, Vila Serra do Navio

Nascido em Botucatu, São Paulo, Bratke foi um importante arquiteto-engenheiro para a cidade. Teve grande destaque pelas suas soluções de conforto, inovadoras para a época, motivadas pela preocupação com o bem estar do usuários. Para auxílio na concepção do partido arquitetônico foi utilizado como referência o projeto da vila em Serra do Navio, Amapá, de autoria de Bratke.

A Vila Serra do Navio é um núcleo residencial localizado em meio a selva, com a disposição de aproximadamente 550 casas e outros setores de serviços, lazer, institucional, entre outros, (CORREIA, 2012). O autor preocupou-se em atender os costumes da população local e as condições climáticas e culturais, adotando materiais típicos da região, como a madeira. A as

residências da vila são caracterizadas pela adequação ao clima da região, adotando soluções para amenizar o calor, como sistema de ventilação cruzada, esquadrias que vão do piso ao teto, beirais largos para proteção do sol e da chuva e um vão utilizado para passagem de ar entre telhado e forro. Bratke também valorizou os custos de obra e manutenção, estas mantem-se em boas condições (PORCY, 2017).

Figura 19- Vila Serra do Navio



Fonte: Nelson Kon, 2015

Figura 20- Vila Serra do Navio



Fonte: Nelson Kon, 2015.

- Museu Sacaca

O Centro de Pesquisas Museológicas Museu Sacaca, fica localizado em Macapá e foi inaugurado em 1997. O nome foi derivado de um curandeiro conhecido no Estado, Raimundo Santos Souza, conhecido como Sacaca. Um dos destaques do museu é a exposição a céu aberto, que foi construída com a participação dos povos amazônicos: comunidades indígenas, povos ribeirinhos, extrativistas e produtoras de farinha. O lugar possui grande valor regional, apresenta um vasto armazenamento de plantas, e seu material de composição é principalmente madeira¹⁶.

Figura 21- Museu Sacaca



Fonte: Heraldo Amoras, 2010.

Figura 22- Museu Sacaca



Fonte: Paulo Zab, 2012.

¹⁶ Os dados foram retirados no site do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Disponível em < <http://www.iepa.ap.gov.br/num.php>>. Acesso em 14/08/2017.

2. CAPÍTULO 2: ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES RIBEIRINHAS VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO DA AMAZONIA E O MÉTODO ETNOGRÁFICO COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

2.1 Método etnográfico

A etnografia apesar de ser uma especialidade da antropologia para estudo dos povos, vem contribuindo de forma significativa para investigação científica em outras áreas. Com a finalidade de melhor entender determinados grupos e seus costumes faz-se uso do método etnográfico para levantamento de dados, esse meio de pesquisa depende também da inserção do pesquisador na área de estudo.

De fato o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado. (ECKERT, 2008, p.2)

No fim do século XIX os pesquisadores iniciaram tentativas de pesquisas voltadas a observação de um todo, no entanto apenas em 1928 o método de pesquisa etnográfico foi considerado em um trabalho feito na Colômbia por Margaret Mead, (MATTOS, 2011). Derivado do grego onde etn(o) significa sociedade particular e graf(o) a escrita sobre, a etnografia é a imersão do pesquisador no campo a fim de compreender um grupo por meio da análise comportamental.

Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos [...]. (MATTOS, 2011, pg.51)

Esse método insere os “atores sociais” através da participação ativa nesse processo de modificação das estruturas sociais, onde o pesquisador faz as observações e percepções. Não deve haver neutralidade por parte do pesquisador uma vez que ele está inserido no estudo do fenômeno social, (TUTYIA, 2013). As questões propostas pelo investigador é que determinam o caminhar da pesquisa, essas questões também podem variar no decorrer do trabalho.

Antes de ir a campo, o pesquisador deve se preparar para as demais etapas em que consiste o método, ter em mente o objeto de pesquisa onde ele poderá fazer a construção do seu tema. Segundo Eckert (2008), a interação é a condição da pesquisa, essa relação será prolongada do decorrer do tempo.

A observação direta pode ser feita através da inserção do pesquisador a campo, que acontecerá após concordância dos indivíduos do grupo a ser pesquisado, a partir desse consentimento ele passará a ter participação nas rotinas do grupo. Essa primeira parte de inserção pode acontecer de diversas formas, geralmente inicia-se com uma negociação do pesquisador com um indivíduo ou grupo, mostrando o intuito da pesquisa e suas ideias, transformando-o em parceiro do projeto de investigação (ECKERT, 2008).

O saber ouvir, a escuta cuidadosa, são também uma importante etapa do método etnográfico, a partir dessa etapa o pesquisador fará suas interpretações. Esse levantamento e análises deverão ser registrados, para isso o pesquisador pode utilizar notas, relatos ou um diário de campo, estes serão úteis durante o andamento da pesquisa.

Este trabalho utilizou o método etnográfico como um dos meios de pesquisa. A aplicação se deu na Associação de Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento da Amazônia, afim de conhecer mais sobre as vítimas de escalpelamento da região e atender suas necessidades diante o fazer projetual.

2.2 A aplicação do método etnográfico na AMRVEA

A AMRVEA fica localizada no bairro Perpétuo Socorro, como mostra a figura 8, a associação é responsável por oferecer serviços as vítimas de escalpelamento como informações sobre o acidente e o tratamento. A ideia de criar a associação surgiu após diversas dificuldades de progredir o tratamento dos acidentados, uma vez que precisa-se de cirurgias reparadoras, que não são fornecidas no Estado, e em decorrência do alto custo das mesmas somada as dificuldade em se obter laudos médicos necessários para as cirurgias em outros estados.

De acordo com o Plano Diretor de Macapá (2004), a AMRVEA fica implantada em uma área caracterizada como Setor de Lazer 2, composta principalmente por residências e comércios. O acesso é feito através da Rua Beira Rio e da Avenida Tefé. O local fica às margens do rio Amazonas e próximo a área de embarque e desembarque de pessoas e passageiros, também há diversos comércios menores nas proximidades.

Para que o método etnográfico fosse aplicado houve a princípio uma investigação sobre a associação¹⁷. O primeiro contato foi através de *email*, onde foi explicado o objetivo do trabalho sobre a possibilidade das visitas, respondido após dois dias. Passei a ter contato com a

¹⁷ Para relato do método etnográfico foi utilizado a escrita na primeira pessoa, baseado nas informações escritas no caderno de campo

presidente da AMRVEA, Rosinete Serrão, através de *Whatsapp*¹⁸, ela explicou que por motivos de falta de manutenção a associação não funcionava diariamente, porém poderia agendar uma visita, marcada para o dia 4 de maio de 2017. No dia da visita, por motivo de doença Rosinete não pode ir, no entanto, fui visitar o local para conhecer os acessos e o entorno.

A primeira dificuldade enfrentada foi o acesso de carro pela Rua Tefé, devido o estreitamento da pista somado ao número de ambulantes e carros estacionados, houve necessidade de parar algumas vezes para que veículos que vinham em direção contrária pudessem passar. Ao observar a AMRVEA logo percebi que não havia muros, apenas uma grade de ferro protegia o pátio de entrada. Na fachada há duas janelas, porta e o nome da associação pintado no lado esquerdo para identificação. A falta de lugares para estacionar levam os motoristas a estacionarem na entrada do local.

Figura 23– Fachada da AMRVEA



Fonte: Autora, 2017

¹⁸ Aplicativo utilizado para troca de mensagens

Figura 24– AMRVE em perspectiva



Fonte: Autora, 2017.

Ao lado esquerdo da associação há uma residência de dois pavimentos em madeira como mostra a figura 19, do lado direito há um caminho que dá acesso a área posterior onde há algumas casas e um lote vazio, figura 20. Na parte posterior da associação foi verificado uma grande quantidade de mato e depósito de lixo, figura 21.

Figura 25– Vista lateral esquerda da AMRVEA



Fonte: Autora, 2017.

Figura 26- Vista lateral direita da AMRVEA



Fonte: Autora, 2017.

Figura 27- Vista posterior da AMRVEA

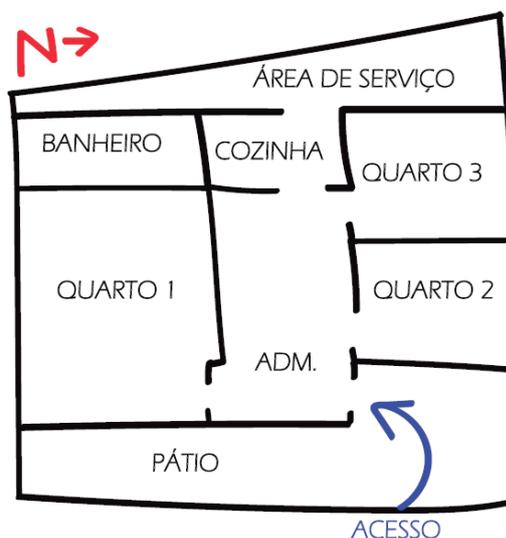


Fonte: Autora, 2017.

A segunda visita a associação ocorreu no dia 9 de maio de 2017, qnde foi realizada a primeira entrevista¹⁹ pela parte da manhã. Nesse primeiro momento conversei com Rosinete Serrão, atual presidente da associação e também vítima do escalpelamento. Ficamos no primeiro cômodo da associação, que é utilizado como recepção e atendimento, por não haver ventilação artificial, as janelas permaneceram abertas, o que prejudicou o dialogo devido a grande poluição sonora vinda da rua.

¹⁹ Entrevista concedida por Maria do Socorro e Rosinete Serrão a Thainá Rodrigues no dia 09/05/2017.

Figura 28- Croqui da planta da AMRVEA



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

As primeiras perguntas que fiz foram sobre a associação, como surgiu, como se mantinha e quais suas funções. De acordo com Rosinete Serrão²⁰, elas dependem de doações financeiras, de serviços e alimentícias para manter o lugar, uma vez que não contam com nenhum tipo de auxílio do poder público. As associadas organizam feiras para venda de roupas e acessórios e arrecadam mantimentos para manter a AMRVEA, mas na maioria das vezes o dinheiro provém das próprias mulheres.

Maria do Socorro, vice-presidente e fundadora da associação falou²¹ sobre a forma de atendimento que lhe foi dada ainda no hospital, como a falta de informação sobre as consequências e sintomas pós acidente, a exclusão vinda das demais pessoas e os obstáculos na hora de buscar as cirurgias reparadoras e benefícios, isso tudo foi impulsionador para a criação da associação. Atualmente a AMRVEA conta com mais de 150 associadas, de acordo com Rosinete e Socorro, o apoio emocional que elas oferecem umas a outras é fundamental e é o que ajuda a manter o local.

²⁰ Entrevista concedida por Rosinete Serrão a Thainá Rodrigues no dia 09/05/2017.

²¹ Entrevista concedida por Maria do Socorro a Thainá Rodrigues no dia 09/05/2017

Apesar de não abrir diariamente, as mulheres mantêm contato constante através de grupos de *whatsapp* e de reuniões realizadas todo dia 25 de cada mês, uma forma de desabafarem sobre os problemas e não perderem o contato.

No decorrer dessa primeira parte da entrevista, as associadas enfatizaram a relevância da AMRVE quanto ao bem-estar coletivo e individual, de acordo com Rosinete²² “é um trabalho humanitário e fonte de inspiração. Trabalha a autoestima e ajuda com as barreiras que o escarpelamento traz”.

As perguntas para a segunda etapa da entrevista, realizada no dia 9 de maio de 2017, foram baseadas nos aspectos físicos da associação. O local possui 7 cômodos semelhantes ao de uma residência: uma recepção, responsável pelas atividades administrativas, uma sala onde armazenam as perucas, dois quartos que são utilizados para armazenamento de livros e outras doações (alimentos, roupas, etc.) e também para estadia de associadas e familiares de outras regiões. Há ainda um banheiro, uma cozinha e uma área de serviço, única área que não visitei devido a falta de manutenção.

O descontentamento com a estrutura do lugar mostrou-se maior que o contentamento. As mulheres disseram gostar do lugar por ser próximo ao rio e por serem capazes de observar as atividades dos ribeirinhos que embarcam e desembarcam. No entanto, afirmaram que não acreditam que o local seja capaz de proporcionar as atividades que a AMRVEA pretende propor. Relataram que no período de inverno amazônico fica mais difícil manter a associação em uso, devido a falta de manutenção da cobertura vários pontos do forro estão danificados, permitindo a entrada da chuva e conseqüentemente inundando os quartos, figura 23.

Figura 29- Forro danificado da sala de armazenamento de perucas



Fonte: Autora, 2017

²² Entrevista concedida por Rosinete Serrão a Thainá Rodrigues no dia 09/05/2017.

Figura 30– Local onde as perucas ficam armazenadas



Fonte: Autora, 2017

Como o escalpelamento ocasiona na perda do couro cabeludo juntamente com os cabelos, as associadas arrecadam doações de cabelos para que possam fazer perucas. Rosinete é responsável por ensinar as demais a produzirem as perucas porém, no momento a única máquina de costura encontra-se com defeito demonstrada na figura 28.

Figura 31– Quarto utilizado para acomodação das associadas



Fonte: Autora, 2017.

Como parte das associadas residem em outras regiões, como no interior do Pará e do Amapá, as vezes necessitam de um lugar para permanecerem durante o período de consultas e tratamento em Macapá. Muitas vezes ficam alojadas na associação, no entanto no período de

chuva a casa fica impossibilitada de uso. Durante a visita, parte do cômodo destinado a essa estadia estava inundado, as consequências são deterioração dos materiais e proliferação de fungos.

Figura 32- Presença de fungos na parede e piso do quarto



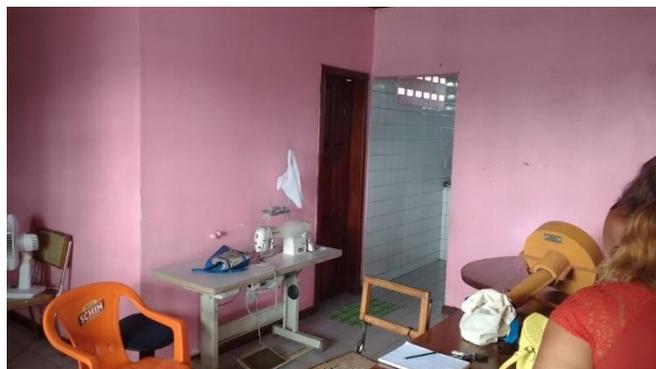
Fonte: Autora, 2017.

Figura 33- Sala de armazenamento de arrecadações



Fonte: Autora, 2017.

Figura 34- Recepção onde foi realizada as entrevistas



Fonte: Autora, 2017.

A segunda visita ocorreu no dia 25 de maio de 2017 a convite de Rosinete Serrão, pois seria o dia da reunião mensal e assim eu poderia ter contato com mais associadas. As 9 horas foi iniciada a reunião na presença de 5 associadas, fiquei apenas de observadora.

A insegurança física das mulheres, consequência do escalpelamento é agravada pela forma que são vistas e tratadas. No decorrer da reunião, Maria do Socorro explanou sobre a visão que tinha sobre a maneira que as pessoas de fora lidam com as vítimas, durante entrevistas de emprego (geralmente lhes é oferecido um cargo em que as mulheres não fiquem aparente), lugares que frequentam e a dificuldade em serem vistas e ouvidas, pois apesar de o escalpelamento e as suas consequências serem abordados em debates no Estado, muitas vezes as próprias vítimas e associação ficam de fora, perdendo a voz e permanecendo na invisibilidade. A falta de participação em eventos que tratam sobre o problema que elas vivenciam, afetam a autoestima e segurança das mulheres.

A questão do trabalho também foi abordada, em virtude da dificuldade que as vítimas têm em conseguir emprego, decorrência do preconceito e da falta de qualificação. De acordo com dados do Ministério Público Federal (MPF), apenas 8% das vítimas conseguem obter trabalho. Rosinete que por não ter tido condições de voltar ao trabalho no tempo estabelecido, por estar em processo de recuperação, perdeu o emprego. Grande parte das vítimas são mães e constituem família, no entanto, muitas não contam com renda própria, essa é uma das razões da busca pelo reconhecimento como deficientes físicos pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), visando adquirir o pagamento de um salário mínimo para as vítimas.

Os relatos feitos durante a reunião reafirmam os danos que o escalpelamento causa na vida dos acidentados. Além das questões já citadas, ainda há o dano a integridade física e psicológica, uma vez que, durante as falas todas relataram ter quadro clínico de depressão e peso dos sintomas na rotina delas. Um ponto importante abordado foi a influencia do clima no bem estar das mulheres, em períodos de verão e sol constante, afirmaram se sentir pior, devido a falta de proteção do escalpo, muitas vezes quando a temperatura estava elevada chegavam a desmaiar.

Mesmo com a rotina individual, as mulheres mostram-se empenhadas em melhorar a AMRVEA e oferecer oficinas de costura, de produção de perucas e de aulas de informática, assim como abrigo para as vítimas que necessitam.

A partir da primeira etapa da aplicação do método etnográfico, foi possível construir um diário de campo. As informações recolhidas através das entrevistas e conversas foram

essenciais para a base do presente trabalho, a partir da análise dos dados foi possível estabelecer um diagnóstico que será utilizado para as diretrizes projetuais da proposta da Casa de Apoio destinada as Mulheres Vítimas de Escalpelamento em Macapá.

2.2.1 Diagnóstico do ambiente construído da AMRVEA

No decorrer do levantamento bibliográfico e das informações adquiridas em campo, foi possível agrupar dados que possibilitaram a formulação de uma lista de dificuldades e facilidades, representadas na tabela 2. As informações foram úteis para a elaboração da proposta da casa de apoio, levando em consideração as necessidades das usuárias e como forma de solucionar as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa.

Tabela 2- Síntese das facilidades e dificuldades enfrentadas pelas vítimas de escalpelamento obtidas na pesquisa bibliográfica e de campo

<u>DIFICULDADES</u>	<u>FACILIDADES</u>
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	
Ausência de medidas públicas que ofereçam condições de melhor tratamento	Prótese expansiva
Falta de acompanhamento psicológico necessário	Inclusão do acidente na tabela unificada de procedimentos do SUS.
MÉTODO ETNOGRÁFICO	
Ausência de espaços de lazer	Proximidade do local com o centro da cidade.
Dormitórios para vítimas de outras regiões	
Atendimento psicológico	
Manutenção do local	
Melhor espaço administrativo	Proximidade do local com o rio
Espaço para armazenamento de perucas	
Espaço para realização das oficinas	
Ausência de ventilação em alguns cômodos	

Fonte: Autora, 2017

Ao fim das entrevistas e após análise dos questionários, tornou-se evidente a insatisfação das associadas com o atual local de funcionamento da AMRVE. Apesar do local ficar próximo ao rio, considerado importante as vítimas, é inadequado para as atividades que elas desejam exercer e proporcionar, mesmo que estas já ocorram de forma precária. Dessa forma, em conjunto com as mulheres durante reunião foi constatado a importância de espaço maior e melhor

localizado para o funcionamento da associação, como uma casa de apoio que possa ajudar as vítimas e as famílias que precisam de auxílio após acidente, que lhes ofereça a devida visibilidade para melhores campanhas e projetos.

3 CAPÍTULO 3: PROPOSTA ARQUITETÔNICA DE UMA CASA DE APOIO PARA MULHERES RIBEIRINHAS E VÍTIMAS DE ESCALPELAMENTO NO MUNICÍPIO DE MACAPÁ – AP

3.1 Condicionantes de projeto

Para a realização do anteprojeto utilizou-se como base o referencial teórico assim como as referências arquitetônicas de instituições de acolhimento, significativas na elaboração do programa de necessidades. As informações obtidas através da etnografia foram usadas para atender as necessidades dos usuários na formulação do projeto.

3.1.1 Escolha da localização

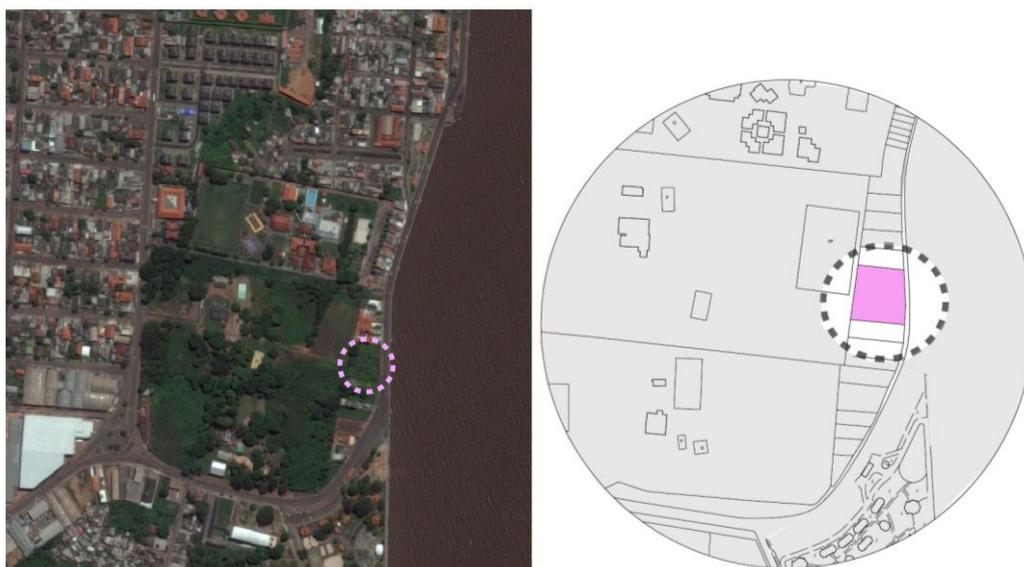
A escolha da localização foi baseada principalmente nos dados fornecidos pelas associadas, obtidos durante a etnografia. Um dos condicionantes foi a proximidade com o Rio Amazonas, por fazer parte da história de vida de associadas, pelo sentimento que proporciona e devido a AMRVEA também ficar localizada as margens do rio. Outro critério utilizado foi a visibilidade das mulheres vítimas do escalpelamento, visto que uma das reclamações da criadora da associação foi a falta de visibilidade que a AMRVEA e as vítimas possuíam e que contribuía para a baixa autoestima das mulheres.

A importância do local de implantação do projeto está ligada a relação do espaço com o usuário. No caso das mulheres ribeirinhas e vítimas de escalpelamento há uma relação com o rio, como foi citado no primeiro capítulo do trabalho, os ribeirinhos possuem essa ligação que determina vários aspectos culturais, como transporte, moradia, comércio, entre outros. “Apesar de mais ou menos marcados por tudo que existe e é construído no espaço, as pessoas constroem a sua história, modificam com seu agir o espaço onde vivem” (MOTTA, 2003, p.47).

De forma a atender as necessidades das usuárias na escolha do terreno de implantação, uma pesquisa foi realizada sobre as áreas próximas ao rio e que trouxessem a visibilidade desejada. Por Macapá ser uma cidade que fica localizada as margens do rio Amazonas, possui grande valorização da orla da cidade, baseado nessas questões a pesquisa para escolha do local ocorreu ao longo da orla.

Baseado nas demais justificativas, o lote escolhido está situado no Bairro do Araxá, na Rua do Araxá, as margens do Rio Amazonas (ver figura 35), orla da cidade. Conforme o Plano Diretor de Macapá (2004) a área escolhida é classificada como Setor de Lazer 2.

Figura 35- Mapa de localização do lote



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

O setor de lazer 2, onde o lote fica localizado, permite o uso de atividades comerciais e de serviços de apoio ao lazer e ao turismo e também residenciais. Devido ao uso permitido pelo Plano Diretor e pela localização, o entorno do lote possui diversidade de usos, identificados no mapa de uso e ocupação do solo (ver figura 36).

Figura 36- Mapa de uso e ocupação do solo



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 38 - Mapa de áreas de lazer



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Para melhor locomoção dos usuários, funcionários e visitantes, o entorno conta com pontos de ônibus nas proximidades. Os pontos de ônibus ficam localizados na Rua do Araxá, bem nas proximidades do terreno, Rua Jovino Dinoá e Rua Leopoldo Machado. No mapa a seguir foram identificados os tipos de vias e os pontos de ônibus encontrados no entorno do terreno.

Figura 39- Mapa viário com pontos de ônibus



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 40- Ponto de ônibus localizado na Rua do Araxá



Fonte: Autora, 2017

Figura 41- Ponto de ônibus localizado na Rua Jovino Dinoá



Fonte: Autora, 2017

3.1.2.2 Caracterização do lote

Para atender o espaço destinado a proposta da casa de apoio, foi necessário a utilização de três lotes vagos, assim, o terreno escolhido possui forma retangular com lados diferentes (a parte frontal dos lotes acompanham as curvas da orla da cidade) com dimensões de 61m x 49m x 58,5m x 58,5m, totalizando uma área de 3.211, 56m². O terreno possui topografia plana, sem grandes inclinações ou desníveis que possam ser significantes na concepção do projeto.

Figura 42- Análise topográfica do terreno



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Figura 43- Área do Terreno



Fonte: Autora, 2017

Figura 44- Área murada em volta do terreno



Fonte: Autora, 2017.

3.1.2.3 Análise Bioclimática de Macapá, Amapá

Para a concepção de um projeto arquitetônico, anteriormente deve-se considerar o local onde este vai ser implantado, uma vez que, o projeto sob influência do entorno. Uma das condicionantes nessa concepção é a análise de conforto ambiental, que é determinada pelo clima predominante da região.

O Brasil, por estar localizado em uma zona tropical, entre os trópicos de capricórnio e de câncer, possui predominância de climas quentes, sendo 55% do território situa-se em zona equatorial, enquanto que 39% está em zona tropical e apenas 6% (região sul) está em zona subtropical, (BAGNATI, 2013). O país possui variedade de climas, por esse motivo se faz necessária a análise dos climas de cada região a fim de adotar melhores soluções na fase de concepção projetual.

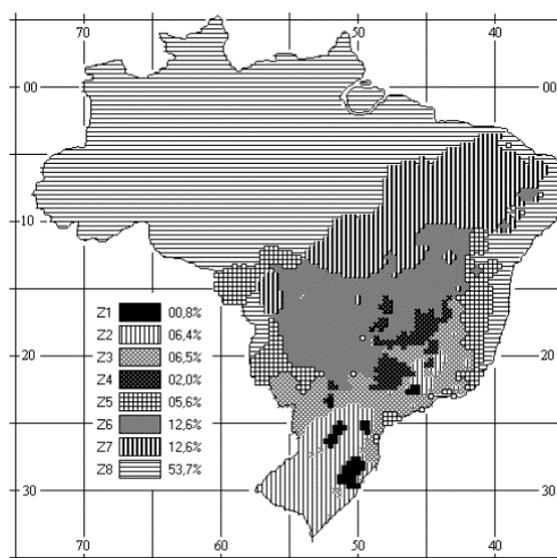
O estado do Amapá fica localizado na região norte do país, mais precisamente na extremidade, com latitude 00°02'20" N e longitude 51°03'59" W, em torno da linha do equador. A sua localização faz com que o clima seja classificado como equatorial quente úmido, sofrendo influências da floresta amazônica e do rio Amazonas.

Observa-se próximo à costa do estado do Amapá condições oceânicas e atmosféricas que favorecem a formação de nuvens convectivas sobre o Oceano Atlântico Equatorial, as quais podem se propagar em direção à Amazônia pelo escoamento de leste, ou seja, os ventos alísios. A região sofre muitas vezes anomalias nas médias climatológicas devido a eventos climáticos extremos, resultantes das variabilidades de larga escala, como por exemplo, os fenômenos El Niño e La Niña, entre outros. (TAVARES, 2014, p.139).

De forma a auxiliar no estudo de conforto e desempenho projetual, a NBR 15220 de setembro de 2003, intitulada “Desempenho térmico de edificações, Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social” apresenta informações significativas sobre as zonas de climas do país e estratégias para diretrizes do projeto.

Para determinar as diretrizes e soluções arquitetônicas de acordo com cada zona climática, a NBR apresenta um zoneamento do país, que este está dividido em 8 zonas. A cidade de Macapá, Amapá, está situada na Zona 8, indicada no mapa (ver figura 45).

Figura 45- Zoneamento bioclimático do Brasil

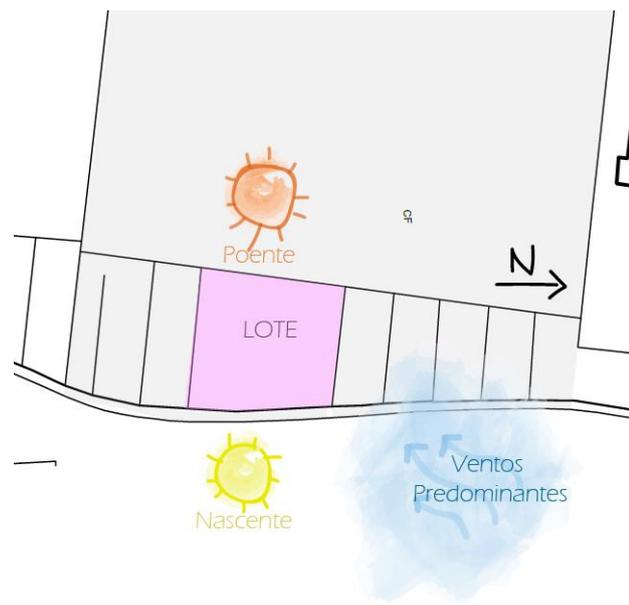


Fonte: NBR 15220-3, 2003.

O estudo do clima das regiões auxilia nas estratégias e soluções de conforto ambiental, determinantes na realização do projeto de arquitetura. O conforto ambiental é a soma de condições ambientais que podem proporcionar aos indivíduos alguma forma de bem estar, seja esse visual, acústico, térmico, entre outros, (LAMBERTS *et al.*, 2014, pg. 43). Temperatura, umidade e velocidade do ar e radiação solar incidente são variáveis essenciais de conforto térmicos, estão ligadas as características da região que podem ser influenciadas e alteradas com a presença humana, (FROTA, SCHIFFER, 2001, p. 15).

Para melhores soluções de conforto ambiental foi feita uma análise Bioclimática do terreno escolhido, a predominância dos ventos e maior incidência solar, fatores que podem determinar o bem-estar dos usuários. Baseado nos estudos acima, foi possível verificar que a ventilação predominante em Macapá é pelo nordeste, como o lote escolhido fica às margens do rio, fica favorecido pela ventilação proveniente do mesmo. O estudo de ventilação é necessário para que o projeto possa aproveitar ao máximo a ventilação natural. Quando a radiação solar, é predominante do oeste.

Figura 46- Mapa de radiação e ventilação



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

3.1.3 Condicionantes Legais

Para determinar os critérios do projeto da casa de apoio, fez-se necessário o estudo da legislação pertinente na região. Através da legislação pode-se definir setorização, coeficiente de aproveitamento do lote, índice de área permeável, entre outros. No presente trabalho pretende-se usar como parâmetros legais as seguintes normas: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá – Lei complementar nº 029/2004 – PMM, o Código de Obras e Instalações do Município de Macapá, a NBR 9050 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos e a cartilha do Ministério de Saúde que determina certos aspectos sobre as instituições de acolhimento, descrita no item 1.4.

3.1.3.1 Plano Diretor de Macapá

O Plano Diretor de Macapá (2004) é responsável pelo zoneamento das áreas urbanas da cidade. De acordo com a Lei Complementar nº 029/2004 sobre o uso e ocupação do solo do município de Macapá, essa divisão conta com 5 setores, sendo esses: Setor Comercial, Setor Misto, Setor Residencial, Setor de Lazer e Setor Especial. Como citado anteriormente, o terreno escolhido está localizado no Setor de Lazer 2, que por sua vez está inserido na Subzona de Fragilidade Ambiental (SFA). As diretrizes da SFA são: incentivo a baixa densidade, ocupação horizontal e incentivo a implantação de atividades comerciais e de serviços de apoio ao lazer e ao turismo.

No artigo 40, capítulo IV da Lei Complementar nº 029/2004 está disposto os parâmetros urbanísticos de ocupação, sendo estes: Coeficiente de Aproveitamento do Terreno (CAT), Altura Máxima da Edificação, Taxa de Ocupação Máxima do Terreno, Afastamentos da Edificação e Taxa de Permeabilidade Mínimos do Terreno.

Todas as informações referentes ao Setor de Lazer 2 foram consideradas para as decisões e consideração do presente trabalho, a fim de obedecer a legislação pertinente.

Tabela 3- Parâmetros urbanísticos de ocupação do terreno - Setor de Lazer 2

SETOR DE LAZER 2		TERRENO
Localização	Rua do Araxá, Bairro do Araxá.	-
Diretrizes	Atividades Comerciais e de Serviços de Apoio ao Lazer e Turismo	-
Usos Permitidos	Residencial uni e multifamiliar; comercial e industrial níveis 1, de serviços níveis 1,2 e3	-
Observações	3 serviços nível 2 somente museu, centro cultural e hotel ou pousada, nível 3 somente clube, hotel ou pousada, motel, cinema e teatro; industrial nível 1 somente caseira	-
Intensidade de Ocupação	Baixa densidade, ocupação horizontal	-
CAT Máximo	1,0 (a)	-
Altura Máxima da Edificação (m)	8	-
Taxa de Ocupação Máxima	60%	1.926,6 m ²
Taxa de Permeabilização Mínima	20%	642,2m ²
Afastamento Mínimo Frontal	3,0	-
Afastamento Mínimo Lateral e Fundos	2,5	-

Fonte: Lei Complementar nº 029/2004 – Prefeitura Municipal de Macapá (PMM)

3.1.3.2 Código de Obras e Edificações do Município de Macapá

Segundo o artigo 1 do capítulo 1 do Código de Obras “Fica instituído o Código de Obras e Instalações do Município de Macapá como instrumento regulador da elaboração de projetos, do licenciamento e da execução de obras e instalações, públicas ou privadas, em todo o território municipal”, será utilizado condicionante legal para a realização da proposta arquitetônica da casa de apoio.

Ainda de acordo com o Código de Obras, os compartimentos devem ser posicionados de forma que contemplem o conforto ambiental da melhor maneira, com o dimensionamento adequado e emprego dos materiais e aberturas. Tais ambientes são classificados em permanência prolongada e permanência transitória e possuem suas áreas mínimas e pé direito mínimo regulamentados pelo código e demonstrados na tabela 4.

Tabela 4- Dimensionamento mínimo dos compartimentos

	COMPARTIMENTO	ÁREA MÍNIMA (m ²)	DIMENSÃO MÍNIMA (m)	PÉ DIREITO MÍNIMO (m)
PERMANÊNCIA PROLONGADA	Salas	9,00	Que permita a inscrição de um círculo de 2,70 m	2,70
	Cozinhas e demais cômodos para preparo e consumo de alimentos	6,00	De modo a permitir a inscrição de um círculo de 2,00 m	2,70
	Cômodos para repouso, lazer, estudos e trabalho	6,00	Largura mínima de 2,00 m	2,70
	Quartos	9,00	Que permita a inscrição de um círculo de 2,70 m	2,70
	Lojas e salas comerciais	-	-	2,70
	Locais de reunião	-	-	2,70
PERMANÊNCIA TRANSITÓRIA	Banheiros, lavabos e vestiários	3,00	Modo a permitir a inscrição de um círculo de 1,20 m	2,40

	Depósitos	-	-	2,40
--	-----------	---	---	------

Fonte: Lei Complementar nº031/2004 – PMM.

O Código de Obras prevê ainda no Artigo 104, que toda edificação deve proporcionar condições de acesso, circulação e uso para pessoas portadoras de deficiências ou com mobilidade reduzida. O Artigo 105 determina que “Os vãos de acesso às edificações e aos compartimentos de permanência prolongada deverão ter largura mínima de 0,80 m”.

Os espaços de circulação de uso privativo deverão ter largura mínima de 0,80 m (oitenta centímetros), os espaços de circulação de uso coletivo restrito deverão ter largura mínima de 1,20 m (um metro e vinte centímetros) e os espaços de circulação de uso coletivo deverão ter largura mínima de 1,50 m (um metro e cinquenta centímetros). Parágrafo único. As circulações de uso coletivo restrito e de uso coletivo com o comprimento superior a 10 m (dez metros) deverão ter acrescido à largura mínima, estabelecida no *caput*, 0,10 m (dez centímetros) por cada metro de comprimento excedente. (Lei Complementar nº031- PMM, 2004, p.31).

O Artigo 135 determina que as garagens e estacionamentos devem possuir área mínima e/ou número de vagas de acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo, e devem atender às dimensões mínimas de 2,50 m de largura, 5,00 m de comprimento e altura de 2,40 m, para vagas de automóveis em garagens ou estacionamento privativo ou coletivo.

Os dados fornecidos pelo Código de Obras de Macapá serão utilizados como diretrizes no auxílio da proposta arquitetônica do presente trabalho.

3.1.3.3 NBR 9050 de 2015 – Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos

Para atender as condições de acessibilidade a NBR determina algumas recomendações para espaços de permanência, deslocamento e aberturas. Os parâmetros de circulação para pessoas em pé com auxílio de bengalas, muletas ou cão guia, pode variar de 0,60m a 1,20m, distância mínima para o uso de muletas. Quanto a cadeirantes, a norma adota como dimensão mínima necessária para o uso de cadeiras em linha reta, sem obstáculos, 0,90 de largura. Para manobras sem deslocamento são utilizados os seguintes:

A norma prevê que todos as entradas dos ambientes devem ser acessíveis, assim como o estacionamento, nesse último a norma estipula que as entradas também devem ser acessíveis ou possuir número de vagas para deficientes. O número de vagas pode ser contabilizado de

acordo com o Código de Obras Municipal de Macapá, que determina que 2% das vagas de estacionamento devem ser destinadas aos deficientes.

Quanto aos banheiros, os sanitários devem respeitar os parâmetros de acessibilidade estipulado através das áreas mínimas de circulação, também deve haver entrada independente para entrada de usuários e acompanhantes.

3.2 Caracterização dos Usuários

O projeto tem como intenção a proposta de uma casa de apoio de longa permanência de médio porte tipo 1, como especificado no tópico 1.4 deste trabalho, que possa atender de forma digna e adequada as vítimas de escarpelamento durante o período de tratamento do acidente e das demais cirurgias reparadoras, e as demais associadas. A proposta também busca integração social, trazendo visibilidade as mulheres vítimas do acidente.

Baseada nas informações obtidas durante as visitas realizadas a AMRVEA e na análise dos dados sobre o número de acidentes nos últimos 6 anos (ver figura 7), determinou-se que a Casa de apoio terá capacidade de acolhimento de até 10 vítimas, infantis e adultas. Sendo classificada como de médio porte, segundo a cartilha do Ministério de Saúde (2013), também foi classificada como longa permanência, por exceder a estadia ao prazo de 30 dias, e de tipologia 1, descrita no tópico 1.4.

3.3 Programa de Necessidade e pré-dimensionamento

O programa de necessidades foi baseado no estudo sobre as instituições de acolhimento, seus atendimentos e propostas, bem como nas entrevistas e conversas obtidas através da etnografia. A legislação auxiliou nos dimensionamentos dos ambientes juntamente com a NBR 9050, atendendo os parâmetros de acessibilidade. Por ser uma proposta de uma instituição específica ao atendimento de vítimas de escarpelamento, alguns setores foram propostos com base no que as associadas solicitaram durante as visitas, enquanto que os demais se basearam nas referências de instituições de acolhimentos, citadas no tópico 1.4 deste trabalho. O programa final é composto por 9 principais setores, divididos por cores, sendo estes: Administrativo, Funcionários, Habitacional, Lazer, Institucional, Saúde, Serviço, Apoio Geral e Comércio.

Tabela 5- Programa de necessidades e pré-dimensionamento

SETOR	AMBIENTE	N	FUNÇÃO	USUÁRIO	ÁREA (m ²)
ADMINISTRATIVO E FUNCIONÁRIOS	Triagem	1	Atendimento e seleção	Funcionários	15m ²
	Diretoria	1	Gerenciamento	Funcionários	11m ²
	Advocacia	1	Processamento	Funcionário	10m ²
	Secretaria	1	Administrar	Funcionários	16m ²
	Arquivo	1	Armazenamento de documentos	Funcionários	8m ²
	Copa	1	Alimentação	Funcionários	10m ²
	Depósito de Materiais de Limpeza	1	Armazenamento de produtos	Funcionários	6m ²
	Sanitário	2	Necessidades fisiológicas	Funcionários	4m ²
HABITACIONAL	Dormitório Infantil	5	Descanso	Usuários	11m ²
	Dormitório Adulto	5	Descanso	Usuários	11m ²
	Banheiro	10	Necessidades Fisiológicas	Usuários	4m ²
INSTITUCIONAL	Ateliê de produção de perucas	1	Confecção de perucas e armazenamento de cabelos	Usuários	20m ²
	Sala de pintura	1	Trabalhos artísticos	Usuários	12m ²
	Biblioteca	1	Estudo	Usuários e visitantes	12m ²
	Salão de debates e reuniões	1	Discussões e Debates	Usuários eventuais convidados	50m ²
SAÚDE	Consultório	2	Atendimento psicológico adulto e infantil	Usuários	5m ²
	Banheiros	2	Necessidades fisiológicas	Funcionários	4m ²
LAZER	Playground	1	Entretenimento das crianças	Usuários e visitantes	30m ²
	Jardim Medicinal	3	Cultivo de plantas medicinais	Usuários	33m ²

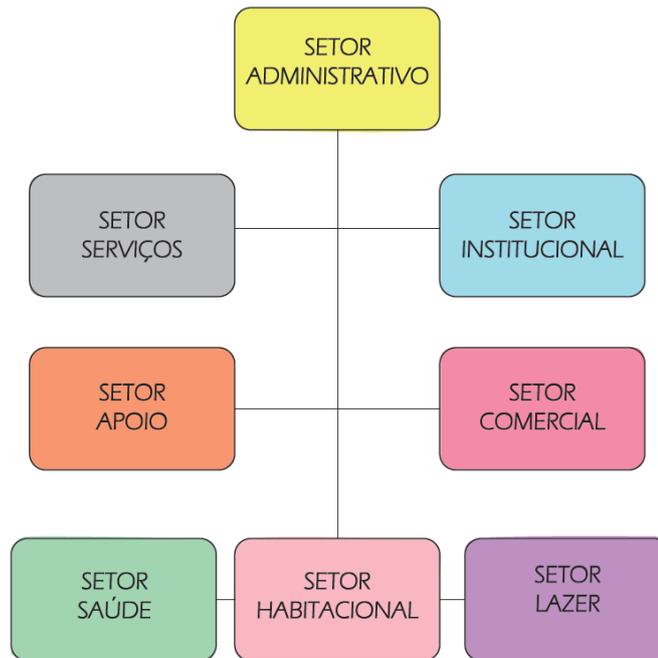
	Espaço de reuniões ao ar livre	1	Socialização e lazer	Usuários	36m ²
SERVIÇO	Refeitório	1	Alimentação	Usuários	45m ²
	Cozinha	1	Preparo de refeição	Funcionários	20m ²
	Nutrição	1	Readequação de alimentação	Funcionários	8m ²
	Despensa	1	Armazenamento de alimentos	Funcionários	7m ²
	Lavanderia	1	Lavagem de roupa	Usuários e funcionários	10m ²
	Depósito de Materiais de Limpeza (DML)	1	Armazenamento de materiais	Funcionários	6m ²
	Sanitários	2	Necessidades fisiológicas	Funcionários	4m ²
APOIO GERAL	Estacionamento	1	Estacionar	Funcionários e visitantes	200m ²
	Depósito de lixo	1	Despejo de lixo	Funcionários	5m ²
	GLP	1	Armazenamento de gás	Funcionários	8m ²
COMERCIAL	Loja	1	Venda de roupas e artigos produzidos	Usuários e visitantes	15m ²
	Café	1	Venda de lanches	Visitantes	19m ²

Fonte: Elaborado pela autora, 2017

3.4 Organograma e fluxograma

Como uma forma de melhor organizar a setorização dos espaços que serão utilizados na proposta da casa de apoio, foi elaborado um organograma, figura 42, demonstrando a organização hierárquica dos espaços.

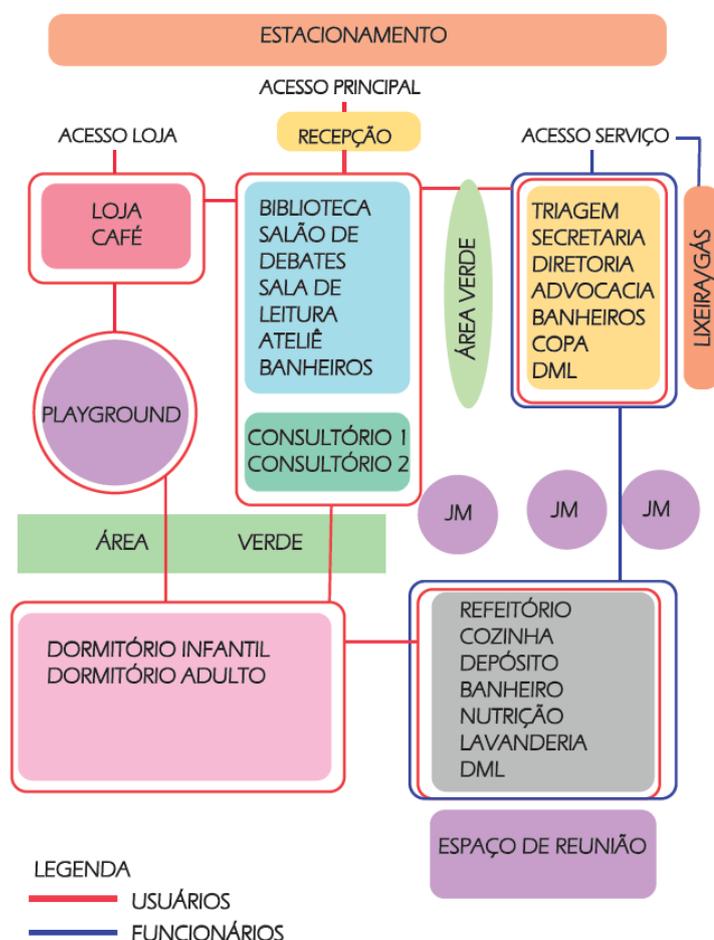
Figura 47- Organograma de setores



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Outro importante aspecto a ser considerado em um projeto são os fluxos dos usuários, visitantes e funcionários. Os fluxos são importantes para determinação de acessos e organização da setorização. Para demonstrar os acessos e caminhos que serão propostos na Casa de Apoio, um fluxograma foi elaborado, como mostra figura abaixo.

Figura 48- Fluxograma



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

3.5 O ambiente planejado agregado a melhor qualidade de vida dos pacientes

Para a elaboração de um projeto arquitetônico se faz necessário estudos sobre o local a ser projetado e sobre os usuários, baseado nessas informações o arquiteto poderá propor modelos que se adequem a essas características, tornando o projeto mais confortável para o usuário e consequentemente influenciando na sua qualidade de vida.

Na Antiguidade os hospitais não contavam com tecnologias médicas, as patologias eram tratadas através da purificação e do bem estar, (COSTEIRA, 2004). O termo “ambiente humanizado” passou a ser utilizado após o interesse em restabelecer uma conexão entre arquitetura e saúde, fazendo uso do conceito “humanização” para locais voltados a valorização da qualidade de vida dos usuários. A psicologia aborda essa preocupação da arquitetura com o bem estar do indivíduo e o social através da psicologia ambiental. Essa união da arquitetura

com as vertentes da saúde são fundamentais para elaboração de ambientes focados na qualidade de vida do indivíduo, principalmente daqueles com algum tipo de patologia.

Uma das grandes falhas está em se perceber o espaço em que vivemos como algo distante do que é o ser humano, e não como uma extensão que está diretamente inter-relacionada (HALL, 1996).

[...] pouco contribuiremos socialmente se continuarmos a enfrentar cada problema de modo isolado, esquecendo que o principal objetivo da edificação (ou conjunto edificado) deve ser garantir a qualidade de vida da população. Sob esta ótica, o edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas (construtivas) e passa a ser avaliado/discutido enquanto espaço “vivencial”, sujeito à ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários. (ELALI, 1997, p.253).

Para Costa (2004), todo ambiente possui uma função social, onde o ser humano se insere e realiza as suas funções, esses espaços mesmo com a apropriação humana possuem suas próprias memórias, seu histórico e perspectivas. Assim como um ambiente pode causar mal-estar e influenciar no aparecimento de doenças, pode vir a influenciar de forma positiva na saúde dos usuários, através da arquitetura e do planejamento, (LEITE e SOETH, 2015).

Com a expansão do termo saúde, novos parâmetros são considerados para determinar o estado saudável, como a capacidade do indivíduo em usufruir de educação, cultura, trabalho e bem estar em todos os níveis, (COSTEIRA, 2004). Dessa forma ao se pensar na influência do ambiente planejado agregado a qualidade de vida dos pacientes, deve-se considerar todos os parâmetros e como essa influência pode contribuir para esse modo de vida saudável, através da união da arquitetura com outras vertentes ligadas a saúde, como a psicologia ambiental.

3.7 Conceito e Partido Arquitetônico

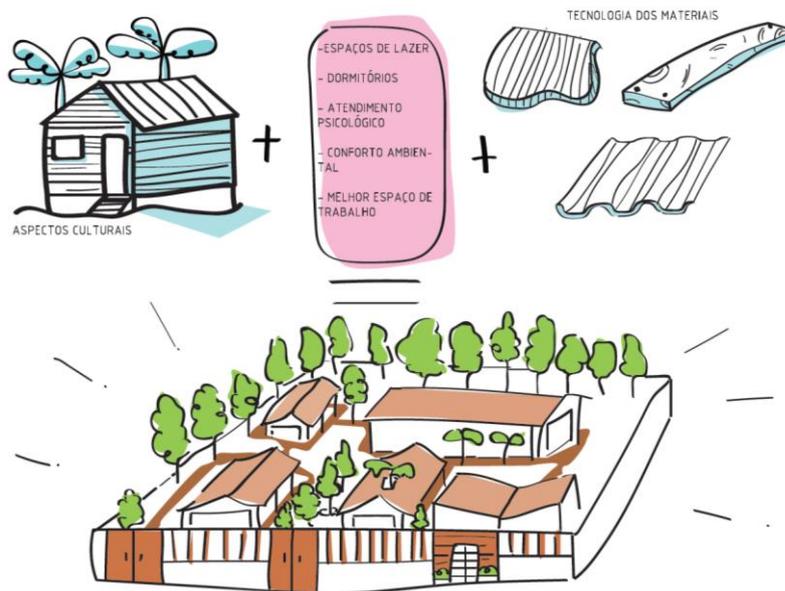
Um dos parâmetros para o presente trabalho, foi a proposta de uma casa de apoio que oferecesse acolhimento e propiciasse serviços de amparo, de forma que as vítimas de escarpelamento se sentissem seguras e que houvesse reintegração social. Para que os parâmetros fossem respeitados, a proposta busca se adequar as regras de acessibilidade, facilitando o acesso de qualquer usuário, visitante ou funcionário.

Para solucionar e dar vida a proposta 3 direcionamentos foram essenciais: respeitar os aspectos culturais das usuárias, solucionar os problemas encontrados durante a etnografia e

utilizar a tecnologia dos materiais para oferecimento de melhor conforto. Um esquema didático foi feito como demonstração dos 3 direcionamentos, uma forma de melhor entender e conhecer sobre o conceito do projeto.

Como visto no item 3.5, o regionalismo crítico foi adotado como referencial projetual, baseado principalmente no perfil das mulheres ribeirinhas vítimas de escarpelamento. Para atender a questão regional, os elementos utilizados, parte levantados no estudo de referencial de projeto, são predominantes da região norte, o principal deles foi a madeira. A organização dos fluxos foi baseada na organização das vilas ribeirinhas, com as características das estivas, também chamadas de passarelas ou pontes. Essa organização é característica marcante do partido, adotando caminhos predominantemente verticais e horizontais que também ligam propositalmente os corredores que cortam as edificações. O jardim medicinal, jardim frontal e espaço de reunião ao ar livre também foram dos elementos propostos, inseridos nos demais espaços livres que também irão fazer parte da proposta, o intuito é transformar a casa de apoio acolhedora e confortável, baseada nos parâmetros de conforto ambiental e visual.

Figura 49- Esquema do conceito do projeto



Fonte: Elaborado pela autora, 2016

3.7.1 Estudos iniciais e primeiros croquis

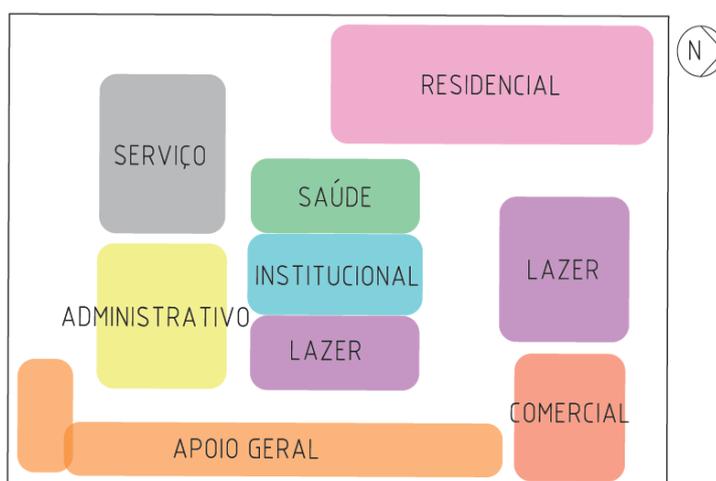
O conceito adotado para a Casa de Apoio é de acolhimento e amparo as vítimas de Escarpelamento da região, sendo nomeada Casa de Apoio às Mulheres Ribeirinhas e Vítimas

de Escalpelamento em Macapá. Para a idealização do projeto usou-se de base o referencial teórico, Capítulo 1, e os resultados da aplicação do método etnográfico, Capítulo 2. Os estudos de legislação e referências projetuais auxiliaram nos primeiros estudos e esboços da proposta.

Uma das intenções da proposta é oferecer uma Arquitetura Regional e moderna que se adeque aos parâmetros estabelecidos. Considerando que as vítimas de escalpelamento são ribeirinhas, o estudo de caminhos que remetesse as estivas foi determinante para a elaboração dos fluxos. A utilização de madeira como um dos principais elementos de composição é justificada por ser um elemento característico da região e por dialogar com a proposta das estivas. A ideia é que visualmente a Casa de Apoio lembre as vilas ribeirinhas sem se tornar uma cópia, mas sim uma nova adaptação.

O projeto também prioriza maior conforto ambiental, baseado na radiação incidente e ventos predominantes. Por este motivo o estudo de aberturas voltadas para o nordeste e para o leste foi priorizado, adotando uso de esquadrias maiores e que facilitem a entrada de ar, como as janelas venezianas. O estudo da setorização no lote escolhido foi o primeiro passo para a definição da implantação geral, uma vez que alguns blocos necessitam de uma maior privacidade e outros visibilidade, também é uma forma de organizar os blocos para que não haja grandes interferências na ventilação natural.

Figura 50- Esquema de setorização no lote

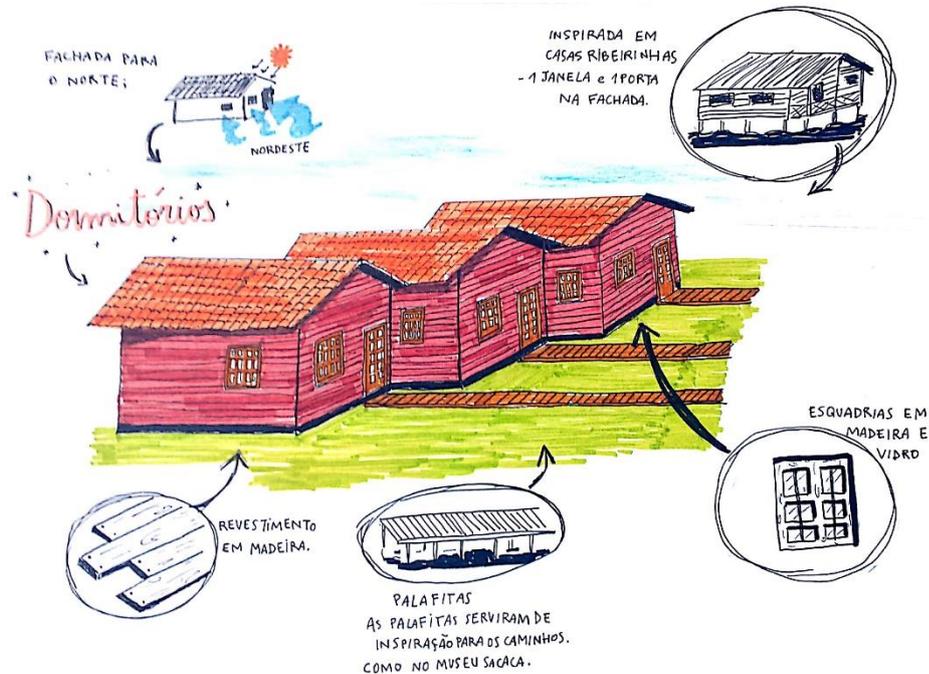


Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A Casa de Apoio contará com 8 setores: Administrativo, Serviço, Habitacional, Institucional, Lazer, Saúde, Apoio Geral e Comercial, como mostra a figura acima. Os fluxos adotados deverão facilitar o diálogo entre eles. Os dormitórios foram divididos em adultos e infantis e contam com 1 quarto e 1 banheiro. Algumas questões serão priorizadas como a

proximidade, mantimento da privacidade e aspectos que tornem o lugar acolhedor. Para melhor entendimento, croquis de estudo dos principais setores foram realizados, figura 51. Os primeiros estudos são importantes para a concepção da proposta, não sendo a forma definitiva, eles auxiliam nas soluções de projeto.

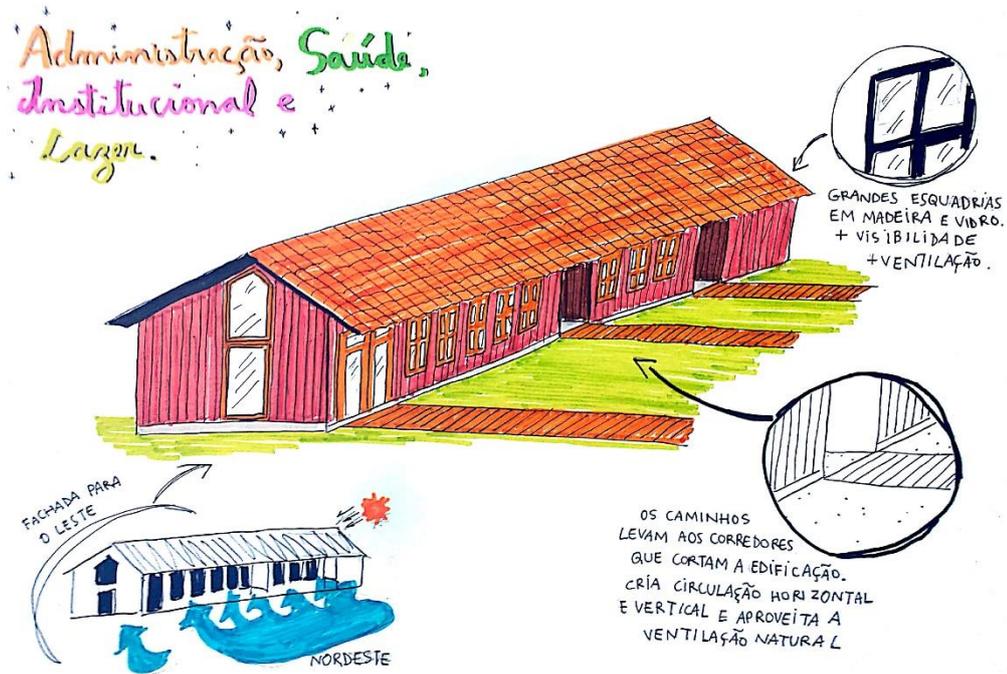
Figura 51- Primeiros Estudos dos Dormitórios



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Para a melhor circulação de ar e aproveitamento de iluminação natural, pensou-se em corredores que cortassem os blocos de um lado ao outro e estivesse ligados aos caminhos, conectando os blocos. Para facilitar a rotina das usuárias, foi pensando em um grande bloco que unisse os setores: Administrativo, Saúde, Institucional e Lazer (FIG. 53). A utilização de várias esquadrias ao norte da edificação, permite maior aproveitamentos dos ventos provenientes do nordeste e do Rio Amazonas, localizado a frente do terreno.

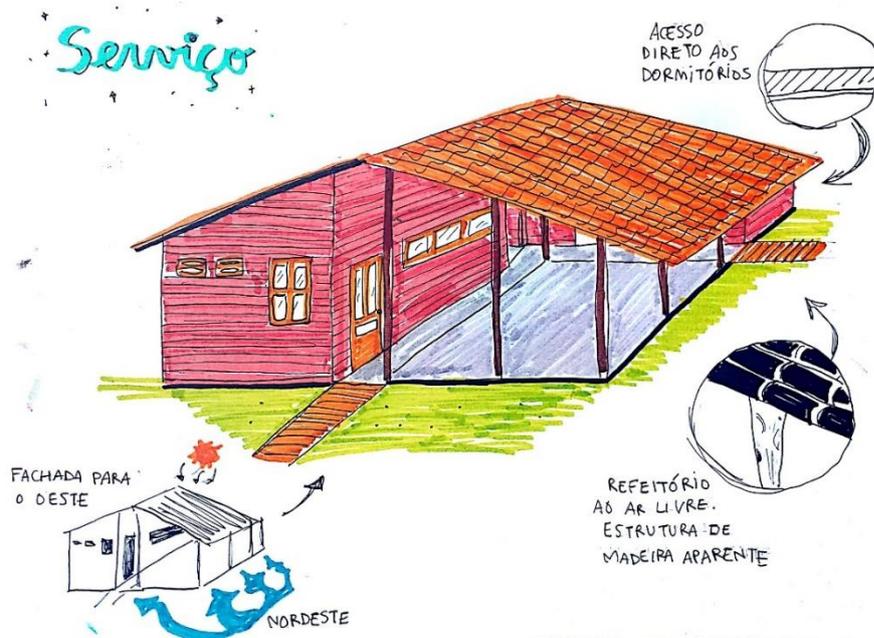
Figura 52- Estudos iniciais do bloco de Administração, Saúde, Institucional e Lazer.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Outros conceitos utilizados na elaboração da proposta foi o de estruturas em madeira aparente, forro inclinado e pé direito alto.

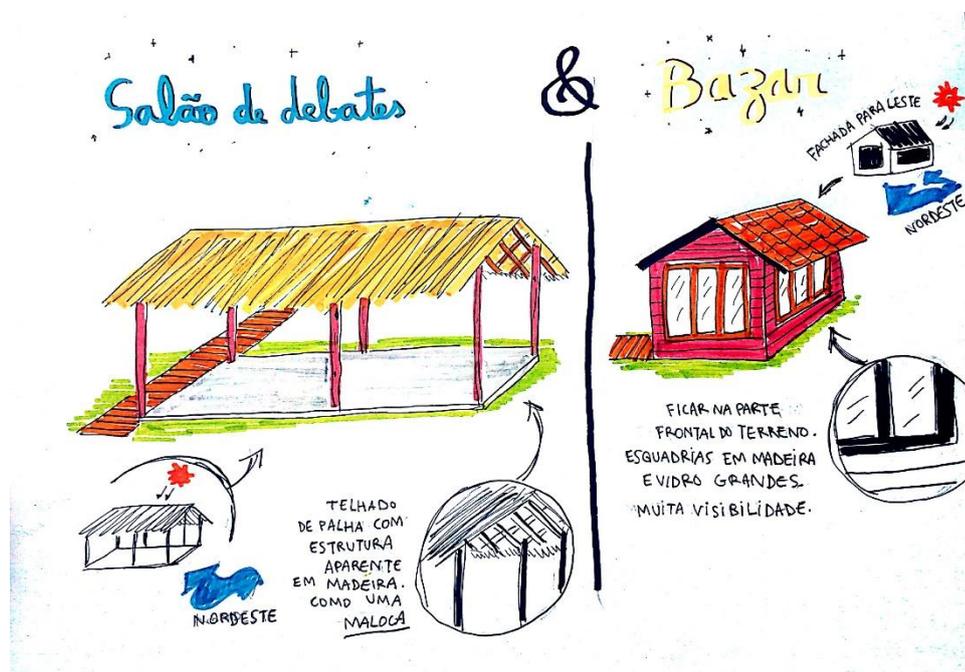
Figura 53- Estudo inicial do setor serviço



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Baseado no estudo de referencial de projeto, buscou-se utilizar-se de materiais locais e ao mesmo tempo algo moderno.

Figura 54- Primeiros estudos do salão de debates e bazar



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Os primeiros estudos e primeiros esboços buscam analisar formas de solucionar dificuldades de projeto e demonstrar os materiais que pretende-se utilizar na proposta arquitetônica, não sendo algo definitivo, mas sim passível de melhorias e adaptações. A forma plástica ainda será desenvolvida a partir de demais estudos, assim como as áreas livres, onde pretende-se utilizar um jardim medicinal.

3.7.2 Memorial justificativo e memorial descritivo

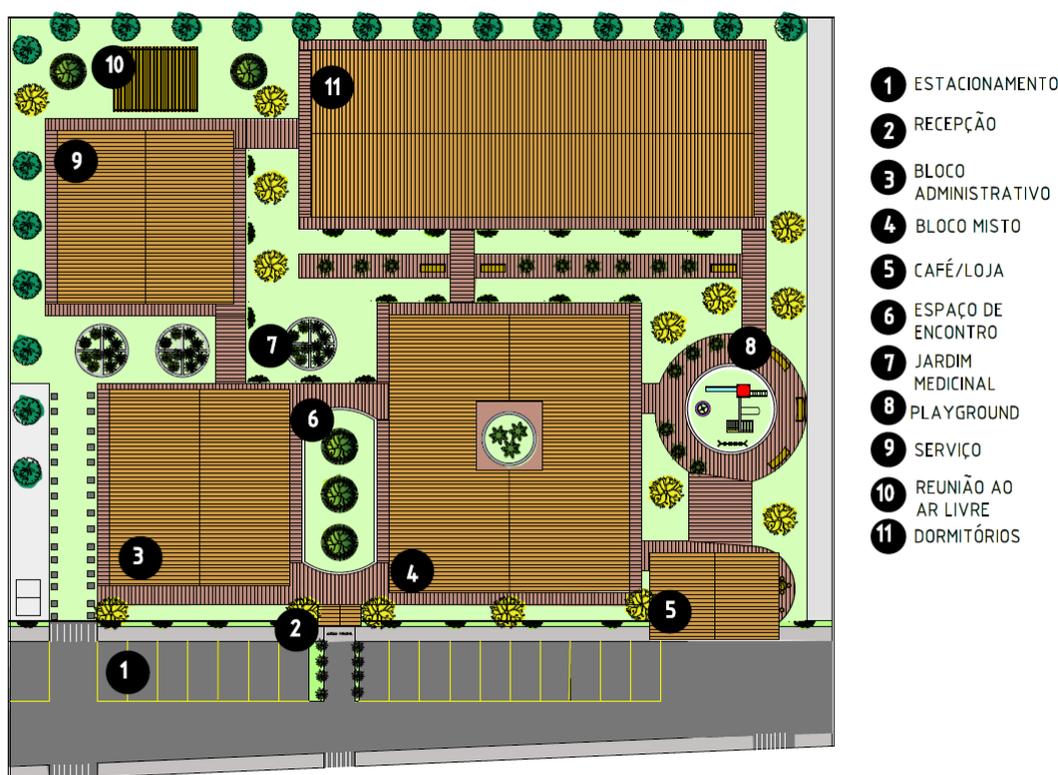
3.7.2.1 Da Implantação (ver apêndice C)

Conforme condicionantes ambientais citadas anteriormente, a divisão da setorização que definiu a implantação, fez-se importante para que essa organização dos blocos e definição de plantas não prejudicasse o aproveitamento dos ventos predominantes (FIG. 56) e que estrategicamente as fachadas ficassem voltadas para os lados de menor incidência solar. Deve-se valorizar a priorização do conforto na proposta, sabendo-se que o clima tem grande influência na saúde das usuárias.

O bloco de dormitórios, situado na parte posterior direita do lote tem privilégio da ventilação e ao mesmo tempo mantém a privacidade por ser um setor íntimo, próximo ao

mesmo está localizado o setor de serviço que atende principalmente as usuárias. À frente do bloco de serviço está localizado o bloco administrativo, atendendo o bloco de serviço (ambos são usados em maior período pelos funcionários) e também a parte pública, ficando localizado na parte frontal do lote. O bloco misto fica localizado no centro lote, uma forma de atender as usuárias e também ao público, dialoga com todos os blocos. A loja e o café estão locados na parte frontal do lote, destacados, uma forma estratégica de chamar atenção do público e criar uma visibilidade desejada. Devido a localização do lote na orla da cidade, a loja chamará atenção por se ter diversos lotes comerciais também na região. Para oferecer auxílio ao conforto térmico e acústico conta-se com uma extensa e estratégica área verde e ambientes de lazer por todo o lote, como, o espaço de reuniões ao ar livre, os jardins medicinais, playground e espaços de encontros.

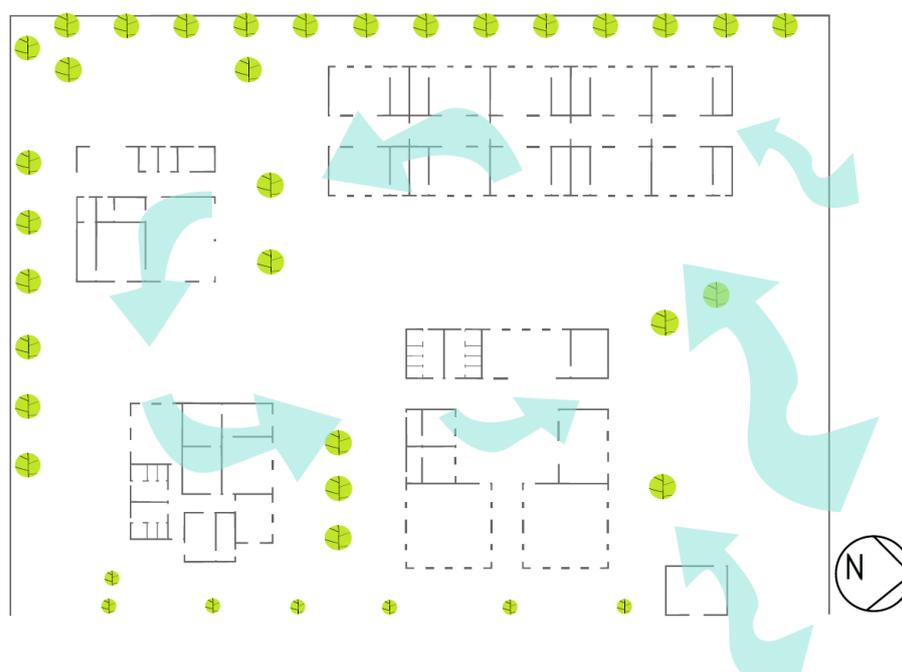
Figura 55- Implantação Humanizada



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Todos os caminhos são por meio do deck que faz a ligação dos blocos e das áreas verdes, uma forma de referenciar as estivas ribeirinhas citadas nos estudos iniciais.

Figura 56- Esquema de ventilação predominante no lote



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

A distribuição dos blocos, aberturas, fluxos e locação das árvores foram esquematizados para que houvesse circulação da ventilação em todo o lote e assim nenhum ambiente fosse prejudicado.

3.7.2.2 Dos dormitórios (ver apêndice I)

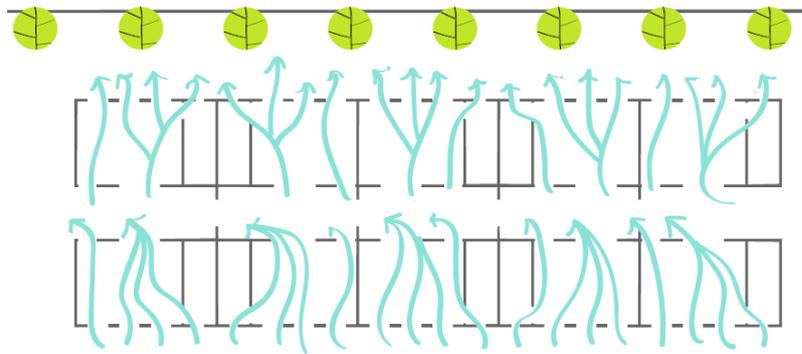
Os dormitórios são prioridade no projeto, visto que a casa de apoio visa dar acolhimento, por isso possuíram prioridade na locação do terreno, estudo de esquadrias, técnicas de materiais e dimensionamento. Quanto a tipologia, se repetirá ao decorrer da proposta.

As condições ambientais foram direcionantes na forma do bloco e na locação e escolha das esquadrias, uma forma de priorizar a ventilação natural proveniente do Leste-Nordeste. As dimensões foram planejadas de forma que atendessem pessoas portadoras de necessidades especiais, de acordo com a NBR 9050.

Estratégias bioclimáticas foram utilizadas para a adequação ao clima, especificado anteriormente, o conforto é prioridade justificado na necessidade das vítimas em possuírem bem estar, sem sofrer com as alterações climáticas. Para melhor aproveitamento da ventilação natural e proteção da privacidade, os dormitórios foram dispostos na parte posterior direita do lote, o bloco possui um corredor que corta a edificação e divide os dormitórios infantis dos adultos. As esquadrias adotadas na parte frontal são grandes venezianas fixas em madeira de

lei, permitindo maior entrada de ar, equanto que as esquadrias da parte posterior dos dormitórios são do tipo persiana, uma forma de permitir a entrada de ventilação e proteger da insolação incidente, proveniente do oeste, as telhas são do tipo sanduíche, telha metálica com poliuretano.

Figura 57- Estudo da ventilação predominante nas aberturas dos dormitórios



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

O sistema estrutural será em concreto armado e as paredes de vedação em alvenaria simples. A cobertura é independente e em madeira laminada colada, eficaz por vencer grandes vãos, não sendo necessários pilares na parte central. essa cobertura permite que a ventilação percorra no espaço entre as telhas e a laje dos blocos, amenizando a temperatura interna, o beiral largo protege da incidência dos raios solares. Divisórias externas em madeira e alvenaria garante a privacidade das usuárias, uma forma de propiciar o ambiente caseiro.

Figura 58- Esquema com a montagem e os materiais da cobertura



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Para proteger a privacidade das usuárias, uma barreira natural foi feita na proposta de forma a separar os dormitórios dos demais setores, para isso um corredor de açaizeiras foi disposto a frente da edificação, figura 59, uma forma de proteger e não impedir a ventilação privilegiada. O layout foi pensado para atender as usuárias e acompanhantes, a prioridade foi tornar o ambiente acolhedor.

Figura 59- Perspectiva externa dos dormitórios



Fonte: Elaborado pela autora,2018

Figura 60- Perspectiva interna dos dormitórios



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 61- Perspectiva da parte frontal dos dormitórios



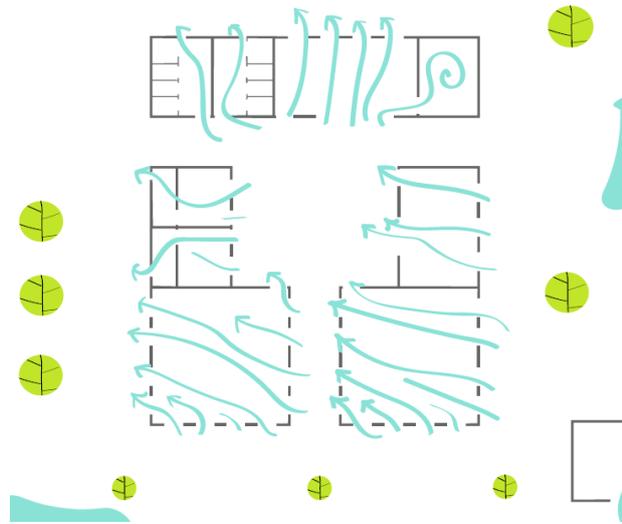
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A intenção é que seja oferecido um ambiente mais neutro, caso o morador prefira ambientes mais coloridos, que ele possa utilizar o mobiliário e a decoração à gosto pessoal para isso.

3.7.2.3 Do Bloco Misto (Ver apêndice N)

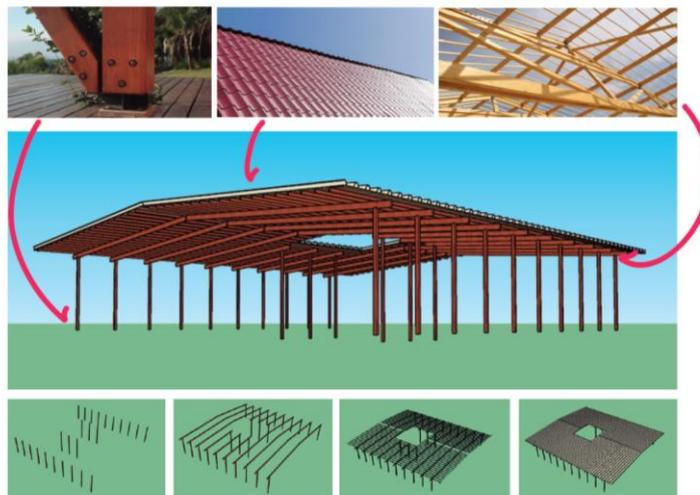
O Bloco misto comporta três setores: o de saúde, lazer e institucional, sendo a maior edificação da proposta, locado na parte central do lote, o uso deste pode ser tanto por usuários, funcionários e visitantes. Para melhor aproveitamento da ventilação predominante o bloco possui uma abertura central na cobertura, que também permite a saída da copa de três açazeiras que compõe o paisagismo interno. A estrutura da cobertura também é em madeira laminada colada com telha metálica e poliuretano, possuindo espaço entre a mesma e a laje da edificação para entrada de ventos.

Figura 62- Estudo da ventilação predominante nas aberturas do bloco misto



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 63- Esquema da montagem e materiais da cobertura



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Para facilitar o acesso das demais pessoas, o bloco ficou centralizado e para definir a forma, fez-se necessário a separação de ambientes por níveis de perturbação sonora, desta forma os ambientes que exigiam menos barulho ficaram na parte frontal enquanto os que ofereciam mais ruídos ficaram na parte posterior. O bloco possui um corredor central, uma forma de convidar as pessoas a entrarem, e dá acesso a um pequeno jardim composto por três açazeiros, como mostra a figura 65, esse núcleo central foi feito com o propósito de criar encontros entre as pessoas.

Figura 64- Perspectiva externa do bloco misto



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 65- Perspectiva interna do jardim central do bloco misto



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 66- Perspectiva interna da biblioteca



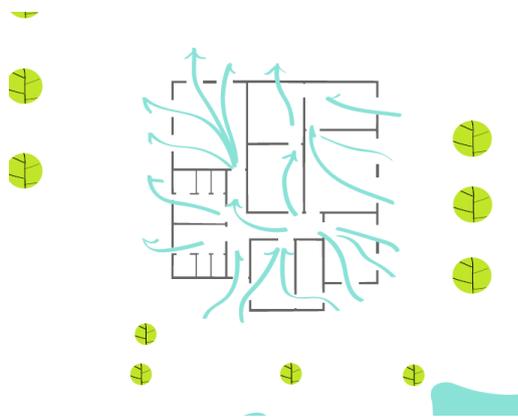
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

As esquadrias adotadas variam de acordo com o ambiente e as suas necessidades, sendo usadas venezianas pivotantes nos ambientes frontais, camarão nos ambientes institucionais e fixas nos consultórios, as do tipo persiana foram usadas na parte posterior da edificação, uma maneira de proteger da insolação proveniente do Oeste.

3.7.2.4 Do Bloco de Administrativo (Ver apêndice D)

O bloco administrativo comporta os setores de administração e funcionários, desta forma fica localizado na parte frontal do lote, próximo a entrada principal e entrada de serviço, facilitando o acesso de usuárias, visitantes e funcionários. As técnicas construtivas seguem as dos demais blocos, utilizando madeira e alvenaria e esquadrias em venezianas para facilitar a entrada de ventilação natural. A cobertura também é em madeira laminada colada com telhas metálicas em poliuretano, eficazes no conforto térmico.

Figura 67- Esquema da ventilação predominante nas aberturas da administração



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 68- Esquema de montagem e materiais da cobertura



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A fachada da edificação possui um painel de madeira e vasos ornamentais, mesmo sendo um ambiente de serviço também tem a intenção de ser acolhedor e confortável, uma vez que, as acidentadas também trabalham na administração da AMRVEA, garantindo também emprego, um ponto importante para as vítimas.

Figura 69- Perspectiva externa do bloco administrativo

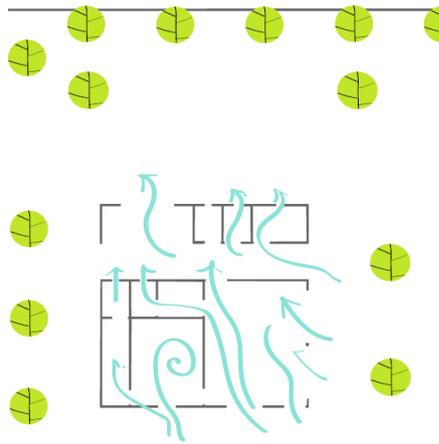


Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.7.2.5 Do Bloco de Serviços (ver apêndice Q)

Pensado para atender tanto as usuárias quanto os funcionários, o bloco de serviço ficou localizado próximo aos dormitórios e administração, as aberturas principais foram voltadas para o lado direito da edificação, uma forma de aproveitar a ventilação natural proveniente do leste-Nordeste, para facilitar a entrada dessa ventilação utilizou-se janelas do tipo camarão por toda a extensão do refeitório, permitindo também que as usuárias tenham vista da área externa.

Figura 70- Esquema da ventilação predominante nas aberturas do bloco de serviços



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

O sistema construtivo e a cobertura utilizados seguem o padrão dos demais blocos, permitindo diferentes esquadrias, que variam dependendo da necessidade do ambiente. O bloco assim como o misto é cortado por um corredor, a parte da frente é composta pelo refeitório, cozinha e sala de nutrição, enquanto que a parte traseira é composta pelos banheiros e lavanderia. Uma horta vertical também foi criada para atender ao refeitório e para o lazer de quem cultiva o plantio.

Figura 71- Perspectiva externa do bloco de serviço e da horta

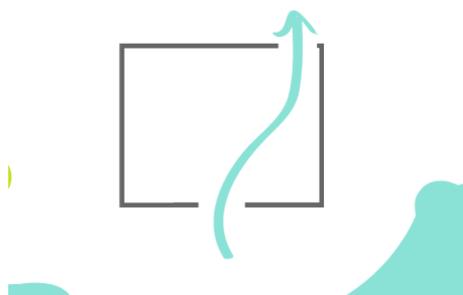


Fonte: Elaborado pela autora, 2018

3.7.2.6 Loja e Café (Ver apêndice T)

Para manter a AMRVEA as associadas costumavam fazer um bazar para vender roupas e acessórios, a ideia foi mantida e acrescentou-se um café ao lado, uma alternativa de alimentação para os visitantes para que não precisem usar o refeitório do setor de serviço. A loja fica localizada na própria fachada principal do lote, destacando-se, uma forma de dar visibilidade ao serviço das mulheres e a causa, também uma estratégia por aquela área ser comercial. Possui uma porta que dá acesso a loja e outra que dá acesso a outras áreas, uma forma de criar uma ventilação cruzada.

Figura 72- Esquema de ventilação da loja



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Diferente da cobertura dos outros blocos, as duas águas do telhado da loja são invertidas, uma forma de diferenciar dos demais e também dar destaque. A locação da loja e do café na parte frontal foi uma solução para que o setor público e íntimo não se misturassem. A fachada da loja é ornamentada com ripas de madeira (FIG.73) e o sistema construtivo segue o modelo dos demais blocos.

Figura 73- Perspectiva da fachada da loja



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Figura 74- Perspectiva interna da loja



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 75- perspectiva do café



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.7.2.7 Espaços de estar ao ar livre

Pensando em formas de tornar o ambiente confortável e acolhedor, espaços verdes ao ar livre foram propostos como forma de lazer e como estratégia de conforto. Ao entrar na Casa de apoio logo depara-se com um jardim de encontros, bancos em madeira planejados para ficar no entorno das árvores, uma forma de dialogar com a natureza e ofertar um espaço também para visitantes.

Figura 76 - Perspectiva do jardim de encontros



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Após ler sobre a história de uma das vítimas e como o tratamento com plantas medicinais foi eficaz, decidiu-se propor um jardim medicinal que ficou disposto em 3 espaços, contendo quatro espécies de plantas: babosa (*aloe vera*), erva cidreira (*melissa officinalis*), camomila (*matricaria chamomilla*) e boldo (*peamus boldu*), figura 76.

Figura 77- Perspectiva jardim medicinal



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Outro ambiente importante foi o de reunião ao ar livre, uma vez que, as mulheres possuem o hábito de reunir todo dia 25, como foi dito no capítulo 2. Essa área foi locada próximo ao setor íntimo e atrás do bloco de serviço, uma forma de manter a privacidade exigida

neste momento. O espaço é protegido por um pergolado em madeira que fica sobre um deck, possui espaço para atar redes, um banco em balanço e um tapete com almofadas, o layout torna o ambiente menos formal.

Figura 78- Perspectiva espaço de reunião ao ar livre



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Para proporcionar lazer as crianças foi proposto um *playground*, a necessidade veio por conta do elevado número de vítimas crianças, a locação deste ficou próxima ao bloco misto, podendo ser usado também por visitantes.

Figura 79- Perspectiva do playground



Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

A fachada geral do lote foi pensada para dialogar com o entorno, o muro vazado oferece a visibilidade, prioridade na proposta e também permite a entrada de ventilação, os portões vazados têm a mesma finalidade. A proposta foi pensada para oferecer funcionalidade, através da distribuição dos ambientes em planta e maior conforto e acolhimento, aspectos importantes para uma casa de apoio.

Figura 80- Perspectiva da frente da Casa de apoio



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 81- Perspectiva mostrando a Casa de apoio e o rio



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Figura 82- Perspectiva da entrada principal da Casa de apoio



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.7.2.8 Especificação dos materiais e do sistema construtivo

3.7.2.8.1 Esquadrias

As esquadrias variam dependendo da melhor funcionalidade em cada ambiente e bloco, de forma a se respeitar privacidade e oferecer melhor conforto, podendo ser de abrir, correr, basculante e camarão, conforme especificado no projeto arquitetônico.

- **Dormitórios:** todas as esquadrias são em madeira de lei.

Porta de abrir em madeira (0,90 x 2,10 m);

Porta em madeira tipo veneziana (0,80 x 2,10 m);

Janela em madeira fixa em veneziana (3,00 x 1,90 m);

Janela em madeira pivotante veneziana (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo persiana basculante (1,00 x 1,50 m);

Balancim em madeira, basculante em veneziana (0,40 x 0,40 m);

- **Bloco Misto:** todas as esquadrias são em madeira de lei.

Porta em madeira, tipo veneziana (0,90 x 2,10 m);

Porta em compensado naval (0,60 x 2,10 m);

Porta em compensado naval (0,60 x 2,10 m);

Janela em madeira tipo basculante em veneziana (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo camarão em veneziana (4,10 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo persiana basculante (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo camarão em veneziana (2,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo veneziana fixa (1,00 x 1,50 m);

Balancim (0,40 x 0,40 m)

- Bloco Administrativo

Porta de correr em madeira e vidro (1,00 x 2,10 m);

Porta de abrir em madeira e vidro (0,90 x 2,10 m);

Porta de abrir em madeira (0,90 x 2,10 m);

Porta de abrir em compensado naval (0,60 x 2,00 m);

Porta de abrir em compensado naval (1,00 x 2,00 m);

Janela em madeira, basculante em veneziana (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo persiana basculante (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira veneziana fixa (1,00 x 1,00 m);

Janela em madeira veneziana fixa (1,00 x 2,50 m);

Balancim em madeira, basculante em veneziana (0,60 x 0,40 m);

Balancim em madeira, basculante em veneziana (0,40 x 0,40 m);

- Bloco de Serviço

Porta de correr em madeira e vidro temperado (0,90 x 2,10 m);

Porta de abrir em madeira (0,80 x 2,10 m);

Porta de abrir em veneziana (0,90 x 2,10 m);

Porta em compensado naval (0,80 x 2,10 m);

Porta em madeira tipo vai-e-vem em veneziana (0,90 x 1,80 m);

Janela em madeira tipo camarão, em veneziana (2,00 x 1,50m);

Janela em madeira tipo camarão, em veneziana (4,00 x 1,50m);

Janela de madeira tipo basculante em veneziana (1,00 x 1,50 m);

Janela em madeira tipo persiana basculante (1,00 x 1,50 m);

Balancim em madeira tipo basculante em veneziana (0,40 x 0,40 m);

- Loja

Porta de correr em madeira e vidro temperado (2,40 x 2,10 m);

Porta de abrir em madeira e vidro (1,00 x 1,50 m);

- Paredes ou Painéis de Vedação

Alvenaria convencional: tijolo cerâmico de 8 furos ou 6 com as seguintes dimensões 9,00 cm x 14,00 cm x 19,00 cm. Todos os blocos serão neste material.

Divisórias em compensado naval com espessura de 5,00 cm. O material permite ser usado em áreas molhadas.

Painel decorativo em ripa de madeira com espessura de 3,00 cm.

- Pavimentação e Revestimento

Pisos Internos: O piso interno deverá estar 10,0 cm superior ao externo, tratado em forma de rampa. O piso das áreas molhadas deverão estar 3,0 cm inferiores aos demais.

Piso de Alta Resistência: as áreas internas do Bloco Misto, Bloco de Serviço e Bloco Administrativo conforme indicado no Projeto de Arquitetura receberão piso de alta resistência – tipo Granitina ou equivalente com o mesmo desempenho técnico, cor cinza com juntas de PVC na cor cinza, formando quadros de 1m x 1m. O acabamento será polido e deverá obedecer na sua execução as recomendações do fabricante.

Piso Cerâmico 40cm x 40cm: as áreas molhadas do Bloco Misto, Bloco de Serviço, Dormitórios e Bloco Administrativo receberão piso cerâmico 40cm x 40cm, antiderrapante, cor branca, linha Cargo Plus White (Eliane) ou similar com o mesmo desempenho técnico;

Piso Vinílico: em régua, 19,2cm x 1230cm, Scandian Línea (Napoles). Aplicado nos dormitórios e na loja.

Pavimentação do Estacionamento: blocos de concreto serão do tipo “Paver” modelo Platô 10x20 cm, com espessura de 6,0 cm, na cor cinza natural. Pavimentação da Calçada: Cimentício Natural.

Pavimentação entrada de Serviços: Blocos de concreto do tipo hexagonal, com espessura 5,0 cm na cor cinza natural.

Pavimentação do Playground Infantil: grama.

Pintura Interna: Pintura em tinta acrílica fosca lisa de alto rendimento, cor branco gelo ou similar, sobre massa acrílica lixada e selada em 2 demãos. (Todos os blocos).

Pintura Externa: Pintura em tinta acrílica fosca lisa de alto rendimento, cor salmão ou similar, sobre massa acrílica lixada e selada em 2 demãos. (Todos os blocos)

Placas externas em ripa de madeira com espessura de 3,00 cm usadas nas fachadas da Loja e Bloco Administrativo e na horta vertical do Bloco de Serviço

- Pilares

Pilar em Madeira de Lei Composto, 10cm x 10cm com apoio em aço galvanizado locado em todos os blocos (cobertura), conforme indicado no projeto arquitetônico. Os pilares serão encaixados e parafusados nas vigas que suportam a cobertura.

Pilar em Concreto Armado, 12cm x 12cm, locado em todos os blocos (edifício), conforme indicado no projeto arquitetônico.

- Vigas

Viga em Madeira de Lei Composta, 7cm x 20cm, locado em todos os blocos (cobertura), conforme indicado no projeto arquitetônico.

Viga em Concreto Armado, 15cm x 40cm, locada no Bloco Misto (edifício), conforme indicado no projeto arquitetônico.

- Telhas

Telha em Poliuretano Termo Acústica Dupla (tipo Sanduíche), com enchimento EPS, impermeabilizada e assentada atendendo às exigências da especificação do fabricante, usada em todos os blocos.

- Calhas

As calhas de todos os blocos serão em chapa de aço galvanizado, L=15cm, fazendo parte da estruturação da cobertura.

- Paisagismo

O projeto é composto por diversas áreas verdes, e várias tipologias de plantas, sendo as de maior porte localizadas na parte posterior e lado esquerdo do lote, enquanto as de médio porte ficam em várias áreas do lote assim como as de pequeno porte.

Grama São Carlos (*Axonopus compressus*)

Hibisco (*Hibisco rosa sinensis*)

Ypê amarelo (*Tecoma stans Café*)

Pata de vaca (*Bauhinia Variegata*)

Açaizeiro (*Euterpe Oleacera*)

Lanterneira (*Lophanthera lactescens Ducke*)

Babosa (*Aloe Vera*)

Erva cidreira (*melissa officinalis*)

Camomila (*matricaria chamomilla*)

Boldo (*peamus boldu*)

Pavimentação: assim como todos os fluxos será em deck de madeira elevado a 10cm do chão, com estrutura de peças com medidas 3cm por 7cm e coberta com tábuas de 5cm de largura.

- Área Externa

Pergolado: em madeira de lei com peças de 0,7x0,3x7 m e pilares de 0,10x0,10m

Jardim de encontros: bancos no formato redondo em madeira texturizada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor qualidade de vida a pessoas necessitadas é uma forma de amenizar os impactos causados pela desigualdade social. Ao propor uma Casa de Apoio destinadas as vítimas de escarpelamento da cidade de Macapá, não se pretende apenas resolver um problema configurado regionalmente, mas também questionar as formas de auxílio a pessoas vulneráveis e o papel da arquitetura na solução desse problema. Através do planejamento e organização espacial, o arquiteto pode exercer importante papel em questões sociais como a igualdade e o direito a uma moradia digna.

A metodologia utilizada permitiu que melhor se entendesse as vítimas do acidente, levantando questões pertinentes como o papel do poder público no atendimento e o papel da sociedade na integração das vítimas. Através da etnografia foi possível detectar os problemas existentes na AMRVEA e as necessidades de pessoas nunca ouvidas, a preocupação com questões culturais e pessoas é fator determinante na concepção de um projeto de qualidade que solucionem problemas até mesmo no âmbito social. Esses estudos fundamentaram a proposta e estabeleceram as principais diretrizes de projeto, estudadas a partir da caracterização das usuárias.

Os estudos iniciais do projeto foram baseados no referencial teórico e principalmente no material obtido através da etnografia aplica a Associação das Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escarpelamento da Amazônia, buscando solucionar as maiores necessidades das mesmas. A legislação pertinente regulamentou nas análises de uso do lote e implantação, adequando as ideias iniciais do projeto. Todas as informação somadas serviram de base para os estudos da Casa de Apoio como instrumento de reintegração e auxílio as vítimas do acidente, principal objetivo da proposta arquitetônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAPÁ (Estado). **Lei complementar n.º 029/2004 - Do Uso E Ocupação Do Solo Do Município De Macapá**. Amapá: Prefeitura Municipal de Macapá, 2004.

AMAPÁ (Estado). **Lei complementar n.º 026/2004 - Plano Diretor De Desenvolvimento Urbano E Ambiental De Macapá**. Amapá: Prefeitura Municipal de Macapá, 2004b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**. NBR 5090. Rio de Janeiro/RJ, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Desempenho Térmico das Edificação**. NBR 15220. Rio de Janeiro/RJ, 2003.

BAGNATI, Mariana. Zoneamento Bioclimático e Arquitetura Brasileira: **Qualidade do Ambiente Construído**. Dissertação (Mestrado) – Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2013.

BENEDECK, Wolfgang. **Compreender os Direitos Humanos: Manual de Educação para os Direitos Humanos**. Gráz, 2012.

BRASIL. **Lei n 11.970, de 6 de julho de 2009. Torna obrigatório o uso de proteção no motor, eixo e partes móveis das embarcações, de forma a proteger os passageiros e tripulações do risco de acidentes**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília/DF, 2009.

BRASIL, IBGE. **Pesquisa de Regiões Amazônia Legal, 2017**. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/amazonialegal.shtm?c=2> >. Acesso em 09 de junho de 2017.

CUNHA, C.B. et al. Perfil epidemiológico de pacientes vítimas de escarpelamento tratados na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. Pará. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**. v. 27, n. 1, p.6, 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbcp/v27n1/03.pdf> >. Acesso em 10 de junho de 2017.

DUTRA, Luciano; LAMBERTS, Roberto; Pereira, Fernando. **Eficiência Energética na Arquitetura**. Ministério de Minas e Energia. Rio de Janeiro/RJ, 2007.

ECKERT, Cornélia. **Etnografia: Saberes e Práticas**. Editora da Universidade. Porto Alegre/RS, 2008.

ELALI, Gleice. **Psicologia na Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar**. Estud. Psicol. V.2, n.2. Natal/RN, 2011.

FAVILLA, D. **Regionalismo crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto**. Dissertação (Mestrado) Pós Graduação em Artes. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

FONTENELE, Josélia Batista. Olhares sobre a realidade do ribeirão: uma contribuição ao tema. Rondônia/RO: **Revista de educação, cultura e meio ambiente**, V.6, n. 4, p.3, 2002.

FRAMPTON, Kennedy. **Perspectivas para um Regionalismo Crítico**. Designe After Modernism. Nova York, 1988.

FRACALOSSO, I. **Clássicos da Arquitetura: Residência Robert Schuster / Severiano Porto**. 2013. ArchDaily Brasil. Acesso em 08 de agosto de 2017. Disponível em: www.archdaily.com.br/96594/classicos-da-arquitetura-residencia-robert-schuster-slash-severiano-porto.

FRAXE, Theresinha. **Homens Anfíbios**: Etnografia de um Capesinato nas Águas. Editora Anabulle.

FROTA, Anésia; Schiffer, Sueli. **Manual de Conforto Térmico**. Studio Nobel. São Paulo/SP, 2011

GUALBERTO, Antônio Jorge Pantoja. **História e memória da carpintaria naval ribeirinha da Amazônia**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina/PI, 2009.

GUERRA, A. T. 1954. Estudo Geográfico do Território do Amapá. Rio de Janeiro: IBGE. LOBATO, Sidney da Silva. **Educação na Fronteira da Modernização: a política educacional do Amapá (1944-1956)**. Belém/PA, 2009.

Instituto Ronald Mcdonald. Disponível em < <http://www.casaronald.org.br/casa/historico-da-casa>>. Acesso em 16/07/2017.

Lar da Criança Feliz. Disponível em < <http://www.larcriancafeliz.org.br/>>. Acesso em 16 de julho de 2017.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a fome. Disponível em < <http://www.mds.gov.br/cnase> julho >. Acesso em 10 de julho de 2017.

LEITE, Leandro; SOETHE, Andreza. **Arquitetura e a Saúde do Usuário**. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído. Viçosa/MG, 2015.

Ministério da Saúde. Disponível em < <http://portalsaude.gov.br/>> . Acesso em 09 de junho de 2017.

MATTOS, Carmem Lúcia. **A abordagem Etnográfica na Investigação Científica**. Editora EBUEPB. Campina Grande/PB, 2011.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido / espaço pensado: o lugar e o caminho**. Dissertação (Mestrado) – Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2003.

OLIVEIRA, Luciene. Estrada de Escalpelamento: **Política Pública para a População Invisível**. P. 485. Brasília/DF, 2016.

PORCY, Florence. ANTEPROJETO DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: **arquitetura como parâmetro de inclusão social**. Monografia para graduação na Universidade Federal do Amapá. Macapá/AP, 2017.

RECICLÁZARO. Disponível em < <http://www.reciclazaro.org.br/casas/casa-de-marta-e-maria/>>. Acesso em 14 de julho de 2017.

Rede de Defesa dos Direitos das Mulheres do Estado de São Paulo. Disponível em < <http://www.redededefesadedireitos.com.br/assistencia-juridica/casa-eliane-de-grammont/>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

SILVA, Josué da Costa & SOUZA FILHO, Theóphilo Alves de. O viver ribeirinho. In: **Nos Banzeiros do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia.** Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.

TAVARES, João Paulo. Características da Climatologia de Macapá – AP. **Revista Caminhos da Geografia.** Macapá/AP, 2014.

TUTYIA, Dinah. Rua Dr. Assis: **Uma Incursão pela Paisagem Patrimonial.** Dissertação (Mestrado) – Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará. Belém/PA, 2013.

XIMENES, Teresa. A navegação fluvial no desenvolvimento da Amazônia. In: XIMENES, Teresa (org.). **Embarcações, Homens e Rios na Amazônia.** Belém: UFPA, 1992, p. 3.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rosinete Rodrigues Serrão, abaixo assinado, autorizo a Universidade Federal do Amapá, por intermédio da aluna Thainá Rodrigues, devidamente assistida pela sua orientadora DINAH REIKO TUTYIA, a desenvolver a pesquisa referente à seu Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo abaixo denominado:

1-Título do Experimento:

2-OBJETIVO: O objeto da pesquisa é propor uma Casa de Apoio para as Mulheres e Vítimas de Escalpelamento (projeto arquitetônico).

3-DESCRIÇÃO DE PROCEDIMENTOS: será realizada uma atividade de observação do espaço, entrevista, registro fotográfico, a serem arquivadas e divulgadas em artigos científicos e em sítios eletrônicos da internet

4-Desconfortos e riscos esperados: não são previstos desconfortos ou riscos. Fui devidamente informado dos riscos acima descritos e de qualquer risco não descrito, não previsível, porém que possa ocorrer em decorrência da pesquisa será de inteira responsabilidade dos pesquisadores.

5-Benefícios esperados: informações que dêem suporte aos projetos de

6-Informações: Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

7-Retirada do consentimento: O voluntário tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.

8-Confiabilidade: Os voluntários terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.

11-Quanto à indenização: Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

ATENÇÃO: A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária.

Macapá, 09 de maio de 2017.

Rosinete Rodrigues Serrão

Assinatura do voluntário/lista abaixo

APÊNDICE B – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, marcelo Soares Imbelas Dantas, abaixo assinado, autorizo a Universidade Federal do Amapá, por intermédio da aluna Thainá Rodrigues, devidamente assistida pela sua orientadora DINAH REIKO TUTYIA, a desenvolver a pesquisa referente à seu Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo abaixo denominado:

1-Título do Experimento:

2-OBJETIVO: O objeto da pesquisa é propor uma projeto arquitetônico de uma Casa de Apoio para as Mulheres Vítimas de Escalpelamento.

3-DESCRIÇÃO DE PROCEDIMENTOS: será realizada uma atividade de observação do espaço, entrevista, registro fotográfico, a serem arquivadas e divulgadas em artigos científicos e em sítios eletrônicos da internet

4-Desconfortos e riscos esperados: não são previstos desconfortos ou riscos. Fui devidamente informado dos riscos acima descritos e de qualquer risco não descrito, não previsível, porém que possa ocorrer em decorrência da pesquisa será de inteira responsabilidade dos pesquisadores.

5-Benefícios esperados: informações que dêem suporte aos projetos de

6-Informações: Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.

7-Retirada do consentimento: O voluntário tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.

8-Confiabilidade: Os voluntários terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.

11-Quanto à indenização: Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

ATENÇÃO: A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária.

Macapá, 09 de maio de 2017.

marcelo Soares Imbelas Dantas

Assinatura do voluntário/lista abaixo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS
COORDENAÇÃO: PROFº MARCELO MEDEIROS
TELEFONE (96) 981688862

APÊNDICE C – Planta de Implantação geral, Planta de Situação e Fachada Geral

APÊNDICE D – Planta Baixa e Planta de layout da Administração

APÊNDICE E –

APÊNDICE F –

APÊNDICE G –

APÊNDICE H –

APÊNDICE I –

APÊNDICE J –

APÊNDICE K –

APÊNDICE L –

APÊNDICE M –

APÊNDICE N –

APÊNDICE O –

APÊNDICE P –

APÊNDICE Q –

APÊNDICE R –

APÊNDICE S –

APÊNDICE T –

APÊNDICE U –